

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

**ISLÃ E MODERNIDADE: um estudo sobre a comunidade muçulmana em
Belo Horizonte**

**JUIZ DE FORA
Março de 2007**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

**ISLÃ E MODERNIDADE: um estudo sobre a comunidade muçulmana em
Belo Horizonte**

Dissertação apresentada em cumprimento às exigências do programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciência da Religião por: Edmar Avelar de Sena. Orientadora Prof^a Dr^a Fátima Regina Tavares.

**JUIZ DE FORA
Março de 2007**

Dissertação defendida e aprovada, em 15 de março de 2007, pela banca
constituída por:

Prof. Dr. Faustino Teixeira – PPCIR/UFJF

Prof. Dr. Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto – UFF

Orientadora: Prof^a Dr^a. Fátima Regina Tavares – PPCIR/UFJF

AGRADECIMENTOS

“Se pude enxergar mais longe é porque me apoiei nas costas de gigantes” (Issac Newton)

Agradeço a Professora Fátima Tavares que assumiu com afinco e presteza a orientação deste trabalho após o falecimento da professora Vitória.

Agradeço especialmente a amiga Simone Geralda de Oliveira que no ápice de nossa partilha me mostrou o caminho que culminou hoje nesta dissertação, a ela meu abraço fraterno.

Agradeço aos amigos, Gilvan, Pedro Luiz, e Daniela que durante este período apoiaram e incentivaram meu trabalho.

À professora Cristiane que sem medir esforços colaborou na revisão ortográfica dos textos deste trabalho.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Aos membros da Sociedade Beneficente Muçulmana de Minas Gerais que gentilmente me acolheram entre eles e contribuíram com seu testemunho de experiência religiosa.

Agradeço também ao Instituto Doctum de Educação e Tecnologia, no qual trabalho como docente há cinco anos, pela flexibilização dos meus horários para que pudesse concluir esta dissertação e pelo incentivo.

HOMENAGEM

Presto uma homenagem especial à professora Vitória Peres de Oliveira a quem dedico este trabalho, porque embora tenha nos deixado, suas orientações permaneceram, e não posso olhar para este sem dela me recordar com saudosismo e admiração.

Vitória foi uma pessoa muito especial na minha vida acadêmica; gostaria de ver seu sorriso ao ver finalizada esta dissertação.

Ela nunca esteve ausente. A cada linha senti sua presença. A presença na ausência me fez pensar quão grande era esta mulher.

Vitória, que saudade de ti.

Espero que enlaçada nos braços do Amado esteja sempre presente, eternizada na memória e guardada no canto precioso do coração.

Obrigado.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meu companheiro de caminhada Gilvan Luís pelo apoio e pelo incentivo.

A minha Mãe Teresinha e a minha irmã Joana que me deram as primeiras oportunidades para que eu pudesse entrar no mágico mundo do conhecimento

SUMÁRIO

Introdução.....	12
Cap I - O islã.....	19
1.1 Modernidade, pluralismo e campo religioso brasileiro: uma visão panorâmica.....	19
1.2 O islã na atualidade.....	27
1.2.1 O islã no campo religioso brasileiro.....	36
1.2.2 O islã em Belo Horizonte: mais uma opção religiosa?.....	43
Cap II - O islã em Belo Horizonte: inicialmente uma religião étnica.....	48
2.1 A imigração árabe para o Brasil e sua chegada em Belo Horizonte: breve histórico.....	49
2.1.1 A Sociedade Beneficente Muçulmana de Belo Horizonte.....	51
2.1.2 Primeiras conversões: um breve comentário sobre dois casos.....	54
2.2 O islã em Belo Horizonte:em direção a uma religião universal.....	58
CAP III – Sociedade Beneficente Muçulmana de Minas Gerais nos dias atuais.....	64
3.1 uma caracterização sociológico.....	64
3.2 O grupo: fraternidade e disputas.....	72
Considerações Finais.....	78
Bibliografia.....	84
Anexos.....	99

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura I –Mapa das populações muçulmanas no mundo.....	30
Figura II –Movimento de imigração na Europa.....	32
Figura III – Mapa dos muçulmanos no Brasil por região.....	38
Figura IV – Centros islâmicos no Brasil.....	42
Figura V – Mapa das diásporas muçulmanas no mundo.....	49
Figura VI – Foto do Exterior da mesquita de Belo Horizonte.....	51
Figura VII – Foto do interior da mesquita de Belo Horizonte.....	52
Figura VIII - Chamado para a oração da sexta-feira na mesquita de Belo Horizonte.....	53
Figura IX –Oração da sexta-feira (pregação do <i>Sheikh</i>).....	60
Figura X – Oração da sexta-feira (a comunidade).....	63
Figura XI – Gráfico da Faixa etária dos convertidos.....	65
Figura XII – Gráfico da Faixa etária dos imigrantes	66
Figura XIII – Gráfico da escolaridade dos convertidos.....	66
Figura XIV – Gráfico da composição do grupo.....	67
Figura XV - Quadro do perfil sócio-econômico do grupo.....	67
Figura XVI - Gráfico da mobilidade religiosa dos convertidos.....	69

ABREVIATURAS

CDIAL - Centro de Divulgação do Islã para a América Latina

NPI - Nova Presença islâmica

SBM - Sociedade Beneficente Muçulmana

WAMY - (World Assembly of Muslim Youth) Assembléia Mundial da Juventude Islâmica

RESUMO

Esta dissertação procurou abordar as transformações ocorridas na Comunidade muçulmana de Minas Gerais. A Sociedade Beneficente Muçulmana de Minas Gerais (SBM), foi fundada em 1961 por famílias sírias e libanesas que desde antes da metade do século passado atuavam no comércio da cidade. O objetivo inicial deste grupo era preservar hábitos e costumes, assim como a história e a identidade. Em 1989 foi colocada a pedra fundamental da construção da Mesquita de Belo Horizonte e em 1991 a mesma foi concluída. Atualmente o grupo é composto por imigrantes e seus descendentes, por estrangeiros muçulmanos que moram no Brasil e por mineiros sem ascendência muçulmana que se converteram ao islã. Esse movimento de conversões deixa vislumbrar mudanças na composição do grupo, fator que também justifica este estudo. Assim, a comunidade muçulmana de Minas Gerais vem mantendo discreta relação com a sociedade local. Entretanto, esta comunidade vem crescendo e, ultimamente, está se constituindo com nova configuração.

SENA, Edmar Avelar de **Islã e Modernidade: um estudo sobre a comunidade muçulmana em Belo Horizonte.** Juiz de Fora: PPCIR/ Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.

ABSTRACT

This dissertation looked for to approach the transformation occurred in Muslim community in Minas Gerais. The Muslim Beneficent Society of Minas Gerais (SBM), was founded in 1961 by Syrian and Lebanese families that since before the half of the last century acted in the trade of the city. The initial objective of the group was to preserve habits and custom, as well as the history and the identity. In 1989 the fundamental stone for construction of the Mosque of Belo Horizonte was established and in 1991 it was ended. Now the group is composed by immigrants and their descendants, for Muslim foreigners that live in Brazil and for mineiros without Muslim origin that convert to the islam. The movement of conversions lets to glimpse changes in the composition of the group, factor that also justifies this study. Thus, Muslim community from Minas Gerais is maintaining discreet relationship with the local society, nowadays, the community is growing though it is constituting itself with new configuration.

SENA, Edmar Avelar de. **Islã e Modernidade: um estudo sobre a comunidade muçulmana em Belo Horizonte.** Juiz de Fora: PPCIR/ Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.

INTRODUÇÃO

Aqui surge a religião, teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretensiosa tentativa de transubstanciar a natureza. (Rubem Alves)

O trabalho que aqui apresentamos – “Islã e Modernidade: um estudo sobre a comunidade muçulmana em Belo Horizonte” – situa-se no campo da perspectiva do Diálogo Inter-religioso (DIR) e é requisito para a conclusão do mestrado no Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião (PPCIR) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), inserindo-se na linha de pesquisa Religião e Diálogo.

O objetivo desta dissertação foi analisar a comunidade muçulmana de Belo Horizonte e sua inserção nessa sociedade, uma vez que, nela, o islã é uma religião minoritária. Como na maioria das cidades brasileiras, a tradição religiosa predominante nesta capital é a católica-evangélica, embora, hoje, nesse campo religioso, pode-se notar uma variedade de formas de crer, fato característico das sociedades modernas.

Nesse sentido, procurei pesquisar a presença dessa comunidade na sociedade belorizontina e observar o movimento de conversões de mineiros sem ascendência muçulmana que atualmente compõem este grupo e que, no início, se caracterizava como um grupo de imigrantes. Esta mudança vem demonstrando que o islã no Brasil tem mudado sua perspectiva que inicialmente podia ser considerada uma religião étnica, agora caminha para uma religião mais universal, sem perder suas peculiaridades.

Saber como esta religião de origem árabe se adapta em outra cultura como a brasileira, em que é minoria, foi uma das propostas deste trabalho, que pela análise da comunidade muçulmana de Belo Horizonte pretendeu contribuir para maior compreensão da composição do campo religioso dessa cidade. Por outro lado, não tomei conhecimento de nenhum trabalho realizado nesta comunidade muçulmana. Aliás, são poucos os estudos realizados nas comunidades muçulmanas no Brasil.

Nos últimos tempos, principalmente após os acontecimentos de 11 de setembro de 2001, o islã tem sido visto de várias maneiras pela mídia: religião intolerante, religião combativa, dificultadora do diálogo, extremista etc. Todas estas formas de ver o islã reforçam estereótipos e preconceitos. Porém, num país como o Brasil, as comunidades islâmicas se inserem na sociedade local de forma discreta e simples como, por exemplo, é o caso da Sociedade Beneficente Muçulmana de Minas Gerais (SBM).

Os antagonismos que se colocam na relação entre o islã e o ocidente parecem dificultar a possibilidade de uma convivência, além de fundamentar as diferenças e perder traços comuns. Para Nizar Messari, acentuar as diferenças seria uma forma tendenciosa de ver o Islã, pois ignora a herança comum: “... em vez de distinguir entre islã e nós, têm que falar de islã em nós, ou seja, da presença do islã no ocidente. Por fim, antes de falar sobre o islã e o Ocidente, têm que falar de ocidente e islã”.¹ O autor, ainda no mesmo artigo, fala da crescente presença muçulmana no ocidente.

A mesquita de Belo Horizonte foi inaugurada em 1992, mas a Sociedade Beneficente Muçulmana de Minas Gerais foi fundada em 1962, por famílias sírio-libanesas que atuavam no

¹ MESSARI, Nizar. Islã e ocidente. **Tempo e Presença**. Rio de Janeiro, ano 24, julho/Agosto de 2002. p. 13.

comércio da cidade². Antes da construção da mesquita, os muçulmanos se reuniam para suas orações às sextas-feiras, numa sala sobre uma loja de departamentos denominada “Nova Brasília”, no centro da cidade, de propriedade de uma família síria³. Esta comunidade, no início, fazia parte de um grupo de imigrantes de origem sírio-libanesa, mas, hoje, o grupo é misto, com conversos mineiros sem ascendência árabe. O número deles, segundo o *Sheikh*, corresponde a aproximadamente 40% da comunidade⁴, que é organizada através da Sociedade Beneficente Muçulmana de Minas Gerais. Essa entidade se encontra em meio à pluralidade de religiões, numa sociedade aparentemente moderna, mas com um histórico religioso tradicional como a maioria das cidades mineiras, eminentemente católicas.⁵ No caso específico do estado de Minas Gerais, historicamente se observa um campo religioso tradicionalmente cristão, o que pode ser visto em suas cidades, nas festas populares e no barroco. A capital do estado, Belo Horizonte, tem pouco mais de cem anos e uma população que ultrapassa dois milhões de habitantes. Atualmente, além das tradicionais comunidades católicas, há na cidade um grande número de igrejas evangélicas pentecostais, seitas orientais, duas sinagogas judaicas e vários terreiros de umbanda e candomblé. Dentro desse cenário religioso, encontramos a Sociedade Beneficente Muçulmana de Minas Gerais.

² Registro da Sociedade Beneficente Muçulmana de Minas Gerais. Ata da Fundação e fotocópia de registro em cartório cedida para consulta, pelo atual presidente da Sociedade.

³ Estes dados foram relatados pelo Presidente de Honra da Sociedade, o Senhor Ali Abdalla Slaibe, que foi o primeiro presidente, e hoje, um dos mais idosos do grupo.

⁴ Em meu trabalho de campo, no decorrer do primeiro semestre de 2006, pude constatar a veracidade desta afirmação. O número de convertidos girou, em média, por volta de 35 a 40% dos participantes nas orações da sexta-feira, evento que reuni o maior número dos membros da comunidade.

⁵ Segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 1991, os católicos em Minas Gerais representavam 87,41% da população do Estado; esse número caiu para 78,89% no último censo realizado por esta mesma instituição no ano de 2000.

Foi, portanto, essa comunidade que serviu como centro de minha pesquisa e análise. A partir dela, investiguei a presença muçulmana no campo religioso de Belo Horizonte, onde observei sua inserção na sociedade de forma mais ampla e sua abertura ao diálogo com outros grupos religiosos, a motivação dos mineiros sem ascendência muçulmana que se converteram ao islã e ainda, sua participação e convívio com a comunidade original de imigrantes.

No campo religioso brasileiro, encontramos a presença de comunidades muçulmanas em várias cidades que se organizam através das Sociedades Benéficas Muçulmanas (SBM), sendo que as maiores se concentram em São Paulo e em Foz do Iguaçu, no Paraná.

Por considerar que o islã no Brasil, num primeiro momento, estruturou-se como uma religião originariamente de imigrantes, devido à formação das comunidades que se originaram a partir dos fluxos de imigração, principalmente sírios e libaneses, é que se fez necessário um estudo de autores que analisam a questão da identidade, como os trabalhos de Vitória Peres e Cecília Mariz. Essas autoras sinalizam para um contraponto entre identidade étnica e religiosa, o que ajuda a pensar em uma abertura ou fechamento para os recém-convertidos e sua relação com a comunidade original de imigrantes. Porém, num segundo momento, percebemos que esta religião vem se transformando, deixando seu caráter étnico e abrindo-se a uma característica mais universal.

Dessa forma, foi de grande importância a análise de pesquisas já realizadas em comunidades muçulmanas em diversos estados do Brasil.⁶

⁶ Além dos trabalhos de PERES, Vitória e MARIZ, Cecília encontrei três dissertações realizadas em comunidades muçulmanas de Porto Alegre, São Bernardo do Campo no ABC paulista e na cidade de São Paulo. As referências destes trabalhos também se encontram no referencial bibliográfico aqui apresentado.

As autoras Peres e Mariz apresentam como o islã começa, no Brasil, a deixar de ser uma religião ligada a imigrantes, e analisam como se comportam os convertidos frente à religião e frente à sociedade onde estão inseridos:

Diferentemente do imigrante, para quem a religião se mistura com os costumes e tradições do país de origem, ou seja, é sua raiz e herança cultural, entre esses conversos a religião é uma escolha entre várias opções religiosas num mundo plural e se constitui numa ‘ruptura simbólica’ com suas raízes.⁷

Este trabalho abordou dois momentos importantes: um empírico e outro teórico. Voltei o olhar para um panorama mais universal, numa tentativa de fazer uma abordagem local. No trabalho de campo, busquei montar um desenho do grupo com base na observação participante. Utilizei entrevistas com questionários semi-estruturados para 15 membros da comunidade muçulmana de Belo Horizonte, buscando entender como eles vivem sua crença nesta cidade, e qual a relação dos mesmos com a sociedade mais ampla.

Para a realização deste trabalho utilizei um diário de campo no qual procurei anotar todas as impressões possíveis de cada visita; este instrumento foi importante no percurso desta produção. Comparei os registros com gravações e fotografias e depois tentei descrevê-las de forma coerente e fiel. A partir desta metodologia, foi desenhando, aos poucos, o perfil do grupo que agora apresentamos.

Este trabalho de campo foi realizado no primeiro semestre de 2006, e analisou também a parte do grupo sem ascendência árabe, que se converteu recentemente ao islã, no intuito de compreender sua convivência com os membros da comunidade original.

⁷ PERES, Vitória; MARIZ, Cecília. ‘**Brasileiros**’ e ‘**árabes**’: conversão ao Islã no Brasil. Em fase de publicação.

As entrevistas foram realizadas, em sua maioria, na mesquita de Belo Horizonte, situada à Rua João Camilo de Oliveira Torres, n 20. E em um caso ou outro, foram realizadas na casa do entrevistado. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas.

Participei de diversos momentos com o grupo. A oração congregacional das sextas-feiras foi momento de grande importância, pois aí tive a oportunidade de observar o crente em sua crença e a convivência na mesquita, pois é o momento em que se encontra maior número de membros. Observei, também, os rituais, a preparação para a oração a *ablução*, o sermão do *sheikh* e a composição do grupo.

Muitas vezes, a conversa informal, antes e depois da oração, foi de extrema importância para o esclarecimento de alguns pontos fundamentais, tanto do grupo quanto da doutrina. Participei também de alguns encontros do grupo aos sábados à tarde, momento em que, principalmente os jovens, reuniam-se para uma confraternização e um “bate-papo” mais informal sobre a religião.

O grupo pesquisado é pequeno, aproximadamente duzentas e cinquenta pessoas; e vem mantendo discreta relação frente à sociedade local. Muitos belorizontinos não sabem da presença desse grupo na cidade e ficam admirados ao saberem. Entretanto, a comunidade vem crescendo ultimamente, principalmente devido a algumas conversões, fenômeno que deixa vislumbrar mudanças que justificaram a necessidade de uma pesquisa que pudesse observar esse processo e suas conseqüências.

Estruturei este trabalho em três capítulos. No primeiro, procurei compreender o islã na atualidade, onde comparei números para melhor entender o fenômeno de seu crescimento no atual campo religioso brasileiro. Já no segundo capítulo, busquei conhecer como o islã chegou a Belo Horizonte. Para isto, tive que entender o momento da imigração síria e libanesa para o

Brasil. Neste capítulo, ainda analisei o fenômeno das conversões na comunidade de Belo Horizonte a partir de depoimentos nos quais busquei conhecer as motivações e a relação com o material de divulgação fornecido pela mesquita. No terceiro e último capítulo, procurei apresentar um desenho da comunidade. Neste momento, descrevemos o convívio e o relacionamento entre os subgrupos e a elaboração de uma identidade muçulmana no contexto atual de Belo Horizonte, cidade predominantemente cristã.

Desta forma, a partir desta pesquisa de campo que realizei, e tendo em vista que o islã é uma religião globalizada, busquei analisar, entre os membros com ascendência sírio-libanesa da comunidade muçulmana de Belo Horizonte, se há um fluxo transnacional⁸ ou se os mesmos já estão totalmente integrados à comunidade. Para observarmos esta possibilidade, ajudaram-nos os estudos sobre a imigração, religião e globalização.⁹ A relativização das fronteiras geográficas trouxe, para perto, a convivência com o outro, ao mesmo tempo em que ocasionou certo desenraizamento das estruturas de crenças. Neste sentido é que percebi certa mudança do islã em Belo Horizonte que, a partir da chegada de novos membros sem ascendência muçulmana no grupo, deixa de ser uma religião de caráter étnico, e caminha rumo a uma religião mais universalista, isto é, aberta a todas as pessoas, independente de sua origem, que buscam um sentido religioso para suas vidas.

⁸ Cf. JARDIM, Denise. Diásporas, viagem e alteridade: As experiências dos palestinos no extremo sul do Brasil. **Horizonte Antropológico**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, n.14. Porto Alegre: PPGAS, 2000.

⁹ Entre os autores que tratam desta temática, pensei em utilizar os trabalhos de: BAYER, Peter em seu artigo *Global Migration and Selective Reimagining of Religions*, além de ORO, Ari Pedro; PACE Enzo; VELHO, Otávio; e PRANDI, Reginaldo que em *Globalização e Religião* fornecem elementos para se analisar a religião e globalização.

CAPÍTULO 1: O ISLÃ

A religião é o solene desvelar dos tesouros ocultos do homem, a revelação de seus pensamentos íntimos, a confissão aberta de seus segredos de amor (L. Feuerbach)

O objetivo principal deste capítulo é demonstrar, em aspectos gerais, o islã na atualidade. Para isto comparei números, principalmente na Europa, para melhor visualizar o fenômeno de seu crescimento no atual campo religioso brasileiro. Para compreender o contexto atual no qual o islã se apresenta em diversas sociedades, me propus a um vôo panorâmico sobre a temática modernidade e pluralismo como forma de situar e fundamentar minhas análises a respeito do islã aqui no Brasil, especificamente em Belo Horizonte. Esta reflexão preliminar possibilitou uma maior compreensão do objeto investigado nesta pesquisa, a comunidade muçulmana de Belo Horizonte, uma vez que o estudo dos autores que aqui apresentamos, na primeira parte deste capítulo, demonstrou aspectos sociológicos de vital importância para a pesquisa em comunidades religiosas e sua relação com a sociedade mais ampla, como é o caso deste trabalho.

1.1 Modernidade, pluralismo e campo religioso brasileiro

Vislumbrando o cenário da modernidade e suas conseqüências, a sociologia da religião, principalmente com Berger, apontava em direção a um processo de secularização nas sociedades modernas. Esta teoria da Secularização, da qual Berger contribuiu para construir, podia ser definida como uma situação em que o Estado se veria independente da chancela da religião, que

se resumiria à esfera do privado. Isto seria possível porque, na visão deste sociólogo, a base sócio-econômico-político-cultural, na qual a religião se assentava, entrou na modernidade em um processo de “crise de credibilidade”, o que ele denominou de “problema de plausibilidade”. Ao falar, portanto, em pluralismo religioso, precisamos compreendê-lo de forma mais ampla. E, para isso, analisarei os pontos fundamentais da teoria da secularização, que, na atualidade, é foco de um caloroso debate entre os cientistas sociais que reelaboram seus paradigmas a esse respeito. Entre estes estudiosos se encontra o próprio Berger.

Berger oferece-nos as bases para a análise da teoria da secularização em “O dossel Sagrado – elementos para uma teoria sociológica da religião”, de 1967, publicado no Brasil em 1985. Nesta obra, o autor define tal teoria, explora suas fundamentações históricas e vê, e percebe, nela, uma ligação com o pluralismo moderno:

A “polarização” da religião que a secularização ocasionou e a concumitante perda de caráter coletivo e/ou de “realidade” também podem ser descritas dizendo-se que a secularização ipso facto conduz a uma situação de pluralismo...Contudo, se atentarmos para as forças sociais que subjazem à produção desse tipo limitado de pluralismo, a ligação profunda entre secularização e pluralismo torna-se patente. Pode-se dizer então, como vimos, que a secularização causa o fim dos monopólios das tradições religiosas e, assim ipso facto, conduz a uma situação de pluralismo.¹⁰

Posteriormente, o próprio Berger fez uma revisão desta teoria. Ele não negou que a mesma tenha ocorrido em algum momento e em diferentes situações nas sociedades modernas, no entanto, avaliou este processo e, a partir daí, pôde-se falar em dessecularização, termo utilizado também pelo sociólogo:

¹⁰ BERGER, Peter L. **O dossel Sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985. p, 146.

A modernização leva necessariamente a um declínio da religião, tanto na sociedade quanto na mentalidade das pessoas. E é justamente essa idéia central que se mostrou errada. Com certeza, a modernização teve alguns efeitos secularizantes, em alguns lugares mais que em outros. Mas ela também provocou o surgimento de poderosos movimentos de contra-secularização. Além disso, a secularização a nível societal não está necessariamente vinculada à secularização a nível de consciência individual. Algumas instituições religiosas perderam o poder de influência em muitas sociedades, mas crenças e práticas religiosas antigas ou novas permaneceram na vida das pessoas, às vezes assumindo novas formas institucionais e às vezes levando a grandes explosões de fervor religioso.¹¹

Ainda sobre este debate a respeito da revisão do paradigma da secularização, Brandão afirma que um dilema foi instaurado a partir das previsões sobre a religião nas sociedades modernas:

Eis um dilema: tudo muda, mas tudo permanece mais ou menos igual. Anunciou-se em séculos e décadas passadas o “fim da religião” e a “morte de Deus”! Ei-los vivos por toda parte e gozando de boa saúde. A religião convive com ciências e ideologias e não parece perder terreno, mas antes revigora-se e abri-se a um mundo de idéias e de desafios humanos sem dúvida mais difícil que os “mundos culturais” que nos antecederam.¹²

Sobre as revisões sugeridas por Berger a respeito da teoria da secularização e no intuito de obter melhor compreensão sobre a religião nas sociedades modernas, Mariz comenta:

Quando Berger escolhe o termo dessecularização ele reconhece ter havido um processo de secularização em algum momento. A escolha deste termo contradiz, ao menos aparentemente, sua crítica ferrenha à teoria da secularização. Apesar de reconhecer que ao se falar em dessecularização sustente indiretamente “a velha teoria de secularização”, Berger, em diversos momentos no texto, afirma que esse declínio da religião não foi observado. Chega a dizer, por exemplo, que

¹¹ BERGER, Peter L. A dessecularização do mundo: uma visão global. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: ISER, n. 01, 2001. p, 10.

¹² BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fronteira da fé – alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil hoje. **Estudos Avançados**. São Paulo: USP, n.52, 2004. p, 284.

o mundo hoje continua “furiosamente religioso como sempre foi, e em alguns lugares mais que nunca”.¹³

Já para Camurça, a situação do cenário religioso atual é marcada por um forte “reavivamento” de novos movimentos religiosos. Este fato, porém, segundo o autor, não pode ser entendido apenas como um “reencantamento do mundo” ou uma revolução do Sagrado”:

Essas polêmicas em torno dos dois emblemas matriciais – sagrado e profano, verdadeiros ícones constituintes – no seu contraste, oposição e contraponto – das culturas e civilizações ao longo da História, ao nosso ver, sintomatizam o que parece ocorrer nessa (pós) modernidade de começo de milênio: um rompimento da polaridade dada pela supremacia de um dos pólos, o secular, mas não necessariamente a inversão da polaridade com a predominância do sagrado, e sim a recolocação de um estado de tensão entre eles, que a emergência desses novos movimentos religiosos tende a expressar. Portanto, são movimentos que surgem entre o secular e o sagrado, explicitando na sua configuração a co-presença das duas dimensões constitutivas da humanidade, numa polaridade tensa e desafiadora.¹⁴

Por outro lado, será preciso também entender que este processo de modernidade, que favoreceu o que chamamos de pluralismo religioso, vem acompanhado de certa “crise de sentido”, uma vez que os grandes sistemas valorativos ruíram, deixando o indivíduo livre para melhor buscar o que lhe dê significação:

Para além da religião, o tempo cultural em que vivemos e para onde dirigimos, inclui cada vez mais um número maior de estilos de espiritualidades, de outros sistemas de sentido, de combinações pessoais e coletivas de saberes e valores que não apenas permitem, mas obrigam a própria pessoa-religiosa a interações

¹³ MARIZ, Cecília L. Secularização e dessecularização: comentários a um texto de Peter Berger. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: ISER, n. 01, 2001. p, 25.

¹⁴ CAMURÇA, Marcelo Ayres, Secularização e Reencantamento: a emergência dos novos movimentos religioso. **BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica**: ANPOCS, n. 56, 2003. p. 55-69. Neste artigo demonstra a polêmica atual em torno da teoria da secularização, mostra que para alguns a pluralidade e as novas formas de crer reforçam tal teoria, mas para outros o cenário atual faz parte das peculiaridades apresentadas pelas sociedades modernas, portanto algo novo e próprio.

de sentido, a integrações de escolhas, a indeterminações de seu próprio destino como indivíduo e uma identidade.¹⁵

Pierucci, neste sentido, também refletiu a propósito da busca de sentido, mostrando que uma de suas faces pode ser uma pertença superficial àqueles sistemas que momentaneamente parecem fornecer ao indivíduo um horizonte de sentidos; porém, este não é fixo como no passado:

Nas sociedades pós-tradicionais, *et pour cause*, decaem as filiações tradicionais. Nelas os indivíduos tendem a desencaixar de seus antigos laços, por mais confortáveis que antes pudessem parecer. Desencadeou-se nelas um processo de desfiliação em que as pertenças sociais e culturais dos indivíduos, inclusive religiosas, tornaram-se opcionais, mais que isso, revisáveis e os vínculos, quase só experimentais, de baixa consistência.¹⁶

E parece que, no mundo moderno, tratando especificamente das pertenças religiosas, os sentidos são sempre entendidos de forma dialética. A forma como esta dialética se dá, é entendida por Berger e Luckmam em recente trabalho, no qual os autores tratam da modernidade e crise de sentido nas sociedades modernas, e observam, acima de tudo, os processos de pluralismo e secularização:

Esta relação dialética de perda de sentido e criação de novo sentido, ou seja, enfraquecimento e fortalecimento de sentido, pode ser encontrado mais claramente no caso da religião. Ela é sem dúvida um padrão abrangente, rico em conteúdos e sistematicamente estruturada de experiências de valores.¹⁷

¹⁵ BRANDÃO Carlos Rodrigues. Fronteira da fé – alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil hoje. **Estudos Avançados**. São Paulo: USP, n.52, 2004. p. 284.

¹⁶ PIERUCCI, Antônio Flávio. “Bye bye, Brasil” O declínio das religiões tradicionais no censo 2000. **Estudos Avançados**. São Paulo: USP, n.52, 2004. p. 19.

¹⁷ BERGER, Peter L; LUCKMAM, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**; trad. Edgar Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 41.

Assim, a separação Religião/Estado, trazida por uma situação de secularização tornando o “Estado Laico”, não obstante trouxe, em seu núcleo, segundo Giumbelli, um paradoxo: “não deixa de ser paradoxal que a mesma modernidade que exigiu a separação entre Estado e igrejas, governo civil e religião, também instituiu a liberdade religiosa.”¹⁸ Neste caso, a laicidade pretendida pelas sociedades modernas tem, em si, a questão ainda não resolvida sobre o espaço do religioso na sociedade. O autor acima trata, no mesmo artigo, de dois exemplos – um no Brasil e outro na França -, onde a problemática dos espaços trouxe à baila a polêmica entre religião e espaço público/privado. Estes exemplos dizem respeito à recente proibição, pelo governo francês, do uso do véu por meninas muçulmanas nas escolas públicas daquele país e, no outro caso, analisa a discussão no Brasil sobre o ensino religioso nas escolas estatais.

É, portanto, a partir deste cenário sócio-antropológico que investiguei a comunidade muçulmana de Belo Horizonte. Na perspectiva de compreensão do islã como religião com seus dogmas e doutrina, fiz um estudo preliminar¹⁹ com o intuito de entender melhor a religião e perceber, no discurso do crente e em sua prática, como se dá sua inserção nesta comunidade originalmente de imigrantes, e sua relação com a comunidade mais ampla. Busquei entender, também, como o islã se posiciona num contexto onde é minoria, fora da cultura islâmica.

Desta forma, busquei, a partir das reflexões acima, sobre a modernidade e pluralismo religioso, compreender os aspectos e suas influências no campo religioso brasileiro, no qual se situa meu objeto de pesquisa.

¹⁸ GIUMBELLI, Emerson. Religião, Estado, Modernidade: notas a propósito de fatos provisórios. **Estudos Avançados**. São Paulo: USP, n. 52, 2004. p.48.

¹⁹ Neste sentido, foram fontes de pesquisa as obras de: BAUSANI, Alessandro; WAINES, David; JOMIER, Jacques; DEMANT, Peter; HOURANI, Albert; e ARMISTRONG, Karen. As referências completas sobre a obra destes autores se encontram no referencial bibliográfico.

Sabe-se que o campo religioso brasileiro, hoje, é composto por uma diversidade de manifestações religiosas. Essa diversificação encontra suas bases na natureza histórica do Brasil, na qual a mistura teve papel fundante, montando, a partir daí, um quadro religioso que teve suas origens na religião dos nativos, na religião dos africanos e na religião dos europeus. Acrescenta-se a este quadro a acentuada influência da modernidade, que aqui chega tardiamente, e, dentre suas características, destacamos a oferta das mais variadas formas de crer, o que é fundamental para se compreender o fenômeno do pluralismo religioso.

Desta forma, a composição do campo religioso brasileiro, estruturada sob o signo da diversidade, mostra-se mais claramente no momento atual, no qual o cenário, para estudiosos da sociologia da religião e da antropologia, é pintado de cores variadas. Sanchis, importante estudioso do campo religioso brasileiro, confirma, em seu artigo, a hipótese de que a situação de pluralidade religiosa não é nova no Brasil. Segundo este autor:

Uma pluralidade sistemática marca a sociogênese do Brasil, logo traduzida em porosidades e contaminações mútuas. Nem multiculturalismo de simples justaposição, nem confusão e supressão das diferenças. Basta lembrar, desde o início, os movimentos compósitos das “santidades” indígenas, que nasceram basicamente no grupo social dos mamelucos, mas logo envolveram lideranças indígenas, colonos lusitanos e “negros da Guiné”; depois, mais amplamente as tradições africanas, profundamente sincretizadas antes mesmo de chegar ao Brasil, e introduzidas aqui no caldeirão de uma matriz viva, historicamente ativa e, ao menos quanto à vivência “popular”, processadora das diferenças: o catolicismo.²⁰

Daí soma-se à característica deste pluralismo religioso de formação, as influências trazidas pela modernidade. Desta forma, o quadro atual pode ser entendido como uma situação na qual as sociedades transpassadas pelo viés da globalização convivem com uma variedade de

²⁰ SANCHIS, Pierre. Religiões, religião...alguns problemas do sincretismo religioso brasileiro. In: **Fiéis & Cidadãos**. Percursos do sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. P. 25.

formas religiosas, e que disputam o mesmo espaço, instaurando, assim, uma concorrência ou uma espécie de “mercado religioso”.

Diante deste quadro, a pertença a uma instituição religiosa passa a fazer parte da opção – escolha – do indivíduo, que buscará nesta o sentido e a orientação de sua vida. Deste modo, o indivíduo pode se desfiliar a qualquer momento, sem maiores complicações, caso o sistema de sentido escolhido deixe de oferecer respostas.

Ainda, dentro deste ponto de vista, foi importante a reflexão de um artigo de Negrão, no qual o autor afirma que “tal pluralismo mercadológico está, de certa forma, presente no campo religioso brasileiro, bem como a competição entre grupos religiosos pela preferência do fiel consumidor”.²¹ Assim, o campo religioso brasileiro, neste início de século XXI, pode ser compreendido como uma reunião de diversas formas de crer, instalando-se no setor da vida privada, porém, sem deixar de apresentar suas marcas do espaço público. Diante disso, não é mais possível encontrar apenas nos grandes sistemas tradicionais o fornecimento de sentido que os indivíduos buscam; estes grandes sistemas também parecem adaptar-se ao modelo de concorrência e disputa.

Esta situação faz oposição ao antigo sistema de hegemonia religiosa implantado, no caso do Brasil, através do processo de colonização. A tradição foi, neste caso, responsável pela sustentação da idéia de uma única forma de crer, reproduzida no núcleo familiar e reafirmada nos espaços públicos, pois tudo era marcado pelo traço do catolicismo europeu. Todavia, com a chegada da modernidade na sociedade brasileira, marcada pela urbanização e industrialização, principalmente a partir de meados do século passado, novos paradigmas tomaram conta das instituições e dos indivíduos – quebrando antigos sistemas, como o monopólio religioso,

²¹ NEGRÃO, Lísias Nogueira. Refazendo antigas e urdindo novas tramas: trajetórias do Sagrado. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: ISER, n. 18, 1997. p. 66.

resultando, daí, no fenômeno do pluralismo. Esse fenômeno encontrou, aqui, terreno fértil, principalmente neste momento da história, devido ao contexto de globalização no qual as sociedades modernas se inserem. Esse contexto foi responsável pela aproximação das fronteiras geográficas, propiciando um encontro com o diferente, com o que antes parecia distante.

1.2 O islã na atualidade

O islã²² é uma religião que cresce consideravelmente em todo mundo. Depois do cristianismo, é a religião com maior número de adeptos espalhados em todos os continentes. A língua árabe é a língua litúrgica do islã, o que não é um obstáculo ou um critério para ser muçulmano; haja vista que o país de maior população muçulmana do mundo é a Indonésia, fora do mundo árabe.

A maioria da população muçulmana no mundo é *sunita* – cerca de 85% –, e uma minoria *xiita*. Há ainda outros grupos islâmicos como os *sufis*, corrente mística do islã, e grupos *druzos*, dentre outros que correspondem a uma parcela no universo populacional islâmico. Mas estas divisões não são doutrinárias; são apenas partidárias do islã. Segundo Pace, em sua obra intitulada “Sociologia do islã”, essa divisão pode ser assim compreendida:

(...) está criada uma polarização entre aqueles que pensavam que a seleção do governo deveria ficar restrita ao núcleo de pessoas ‘mais próximas’ do profeta

²² O Islã surgiu no século VII d. C a partir da pregação do profeta Mohammad, (Maomé) na região da Arábia, entre o Império Bizantino e o Império Persa, primeiro na cidade de Meca, terra natal do profeta, e depois em Medina onde ele se refugiou até retornar a Meca. Uma parte da população era nômade e a outra composta de sedentários.

(*Sunitas*), na linha da antiguidade de crença e não tanto de antigos laços de parentesco (*Xiitas*) (...) ²³

Antes do surgimento do islã, a região da Arábia convivia com várias crenças religiosas. Predominava, naquela região, certo politeísmo, uma pluralidade de formas de crer espalhadas em todas as cidades. Em *Meca*²⁴, cerca de 360 ídolos rodeavam a *Caaba*²⁵, local que mais tarde se tornaria sagrado para os crentes muçulmanos. Além deste universo politeísta, fazia presença, também, nesta região, o Cristianismo, em sua forma oriental, e o Judaísmo antigo. Ambas se instauraram em meio desta realidade pluralista.

*Muhammad*²⁶ (565-632 d. C) é o profeta do islã, mais conhecido no ocidente como *Maomé*. Pregou a idéia de um único Deus, o que se tornou a característica fundamental da nova

²³ PACE, Enzo. **Sociologia do Islã**. Petrópolis: Vozes, 2005. p79. (grifos meus) Hoje cerca de 90% dos muçulmanos do mundo inteiro são *Sunitas*. É uma divisão apenas partidária dentro do islamismo e não doutrinal. Depois da morte do profeta surgiram as primeiras divergências portanto, segundo demonstra o texto acima de Enzo Pace, os sunitas formaram o grupo em que na linha de sucessão, os mais aptos eram aqueles primeiros companheiros de *Mohammad*. Já os *Xiitas* acreditavam e ainda acreditam numa descendência familiar. Estes últimos, hoje, configuram cerca de apenas menos de 10% da população de credo islâmico.

²⁴ A Cidade de *Meca*, hoje em território saudita, na época era controlada pela tribo dos *coraixitas*. Eles administravam os rentáveis negócios em torno da peregrinação à *Caaba*. A família do profeta *Muhammad* fazia parte dessa tribo.

²⁵ Santuário localizado em Meca e que antes do surgimento do Islã era utilizado para celebrar a principal divindade, *Hubal* e também os outros ídolos. A peregrinação à *Caaba* (cubo, pela sua forma) era na Arábia pré-islâmica, um momento fundamental de construção de uma identidade árabe onde se encontravam não só os moradores do *Hijaz*, mas de toda península. Atualmente é o lugar mais sagrado do mundo islâmico e foi dedicado ao Deus único por Maomé, a peregrinação a Meca é um dos cinco pilares do islã, no qual todo o crente, tendo condições e saúde, deve fazê-lo uma vez na vida.

²⁶ O profeta *Muhammad* é conhecido no ocidente como Maomé. Segundo alguns pesquisadores, esse nome pode ter sido dado ao profeta por se originar da palavra *Muezim*, que seria uma espécie de anticristo. Este nome foi associado ao profeta por um padre espanhol no ano de 856 numa tentativa de se fazer uma pregação contra o islã, porém não nos ateremos a esta polêmica. Pois a raiz da palavra *Mohammad*, do árabe, denota louvor ou agradecimento. Neste caso, por uma questão de respeito à tradição muçulmana, nos referiremos ao profeta do islã, neste trabalho, a grafia indicada pelos muçulmanos, *Mohammad*. Conforme orientação de Vitória Peres.

A figura do profeta *Muhammad* é de suma importância na religião islâmica, ele não é deus, mas é seu mensageiro. Um líder religioso, carismático e ao mesmo tempo um líder político e dinâmico capaz de organizar não apenas uma nova religião, mas também estabelecer as bases para uma unificação de povos que, anteriormente viviam sob a égide de um pluralismo religioso liderado por diversos clãs.

“*Muhammad, segundo a tradição, recebe de deus em seu êxtase místico por volta dos 40 anos de idade, a figura do anjo Gabriel que é quem dita a ele o que mais tarde se tornará o livro sagrado do islã, o Alcorão*”. Segundo a

religião que, surgida na península arábica, rapidamente se expandiu em todo o oriente até a Pérsia, a oeste, com praticamente todo o norte africano, e, enfim, chegou à Europa através da Península Ibérica. Só muito mais tarde o islã acompanhou os fluxos migratórios e chegou às Américas.

O mapa abaixo dá certa visibilidade da presença islâmica no mundo atual. Embora o este mapa tenha sido elaborado por um *site* islâmico, considero um bom exemplo para ilustrar a situação do islã no cenário hodierno, pois, geograficamente, corresponde às pesquisas recentes, principalmente aquelas que colaboram com o censo da situação religiosa na Europa. Neste sentido, o uso deste mapa me ajudou a ter uma visibilidade mundial de concentração de populações muçulmanas. A partir desta ilustração, posso constatar a maior presença muçulmana que ainda se encontra no norte da África, na Ásia e no Oriente Médio, a sua presença marcante na Europa, e, ainda, sua pouca expressividade nas Américas. De qualquer forma, é a presença muçulmana em praticamente todos os continentes que demonstra não ser o islã mais uma religião apenas dos países árabes, já que este tem se adaptado a culturas diversas, mesmo onde é minoria, como no caso brasileiro.

tradição enquanto meditava no Monte *Hira* nos arredores de Meca, *Muhammad* começou a ter visões e a ouvir vozes, quando o anjo Gabriel aparecera para lhe revelar a palavra de Deus. Depois disso começou a anunciar uma nova forma de crer. A primeira comunidade muçulmana foi perseguida em Meca o que levou o profeta a migrar, no ano de 622 d. C., para outro local, *Yatrib*, chamado logo após de *Madinat al Rasūl*, a cidade do Profeta, nomeada mais tarde de *al-Medina (MEDINA)*, situada a 300 quilômetros ao norte de Meca. Essa fuga é conhecida como *hégira (hijra)* ou migração marca o início do calendário muçulmano.

A religião se estruturou em cinco pontos fundamentais, conhecidos como os cinco pilares da fé muçulmana, a saber: a) a crença na unicidade de Deus; b) as orações diárias; c) a caridade; d) o jejum anual; e) a peregrinação a Meca ao menos uma vez na vida do crente. No Islã todos os atos humanos se encontram sob a observação divina, portanto, o crente orienta sua conduta por sua fé.

Conf. PERES, Vitória. Maomé, o profeta do Isla. **In:** BINGEMER, Maria Clara e YUNES, Eliana (Orgs.). **Profetas e Profecias**. São Paulo: Loyola e Puc Rio, 2002.

2006, trouxe uma matéria que mostra certa preocupação do Papa Bento XVI em relação ao abandono dos valores cristãos na Europa e o avanço do islamismo nesse continente, além de outros fatores políticos e intelectuais que demonstram também preocupação com esta situação:

Trata-se de uma clara alusão à nova corrente de intelectuais, catalogados na Itália como “ateus devotos”, que aproximam cada vez mais da igreja católica, por sua defesa dos valores e princípios europeus. Entre os expoentes mais emblemáticos dessa corrente configura o ex-presidente do senado italiano, Marcello Pêra, e a jornalista Oriana Fallaci, falecida recentemente, que em seus últimos livros fustigava a chamada “Eurábia” (Europa mais Arábia), um continente que segundo ela está se convertendo “numa província do Islã, uma colônia do Islã.”²⁷

Nas Américas, principalmente na América Latina, o número de muçulmanos não é muito expressivo. Porém, em países como o Brasil, o que chama a atenção é que, antes, esta religião se concentrava basicamente entre os imigrantes sírios e libaneses, e, agora, começa a se configurar como um grupo sem ascendência muçulmana.

Já um trabalho de Wohlrab-Sahr, sobre os convertidos ao islã nos Estados Unidos e na Alemanha também nos ajudou a compreender a escolha por parte dos crentes por esta religião num contexto ocidental. Segundo a autora:

E deve haver um contexto social que torne a escolha religiosa possível, no sentido de permitir pensar sobre a conversão a uma religião, o que parece estranho a muitas pessoas nas sociedades ocidentais. Por esta razão, os muçulmanos convertidos submetem-se positivamente a uma situação pluralística que lhes permite desviar das orientações e comportamentos religiosos da maioria.²⁸

²⁷ **Estado de Minas**, caderno internacional. Papa quer a Europa de volta às raízes. Belo Horizonte: sexta-feira, 20 de outubro de 2006. Caderno Internacional. p, 19.

²⁸ WOHLRAB-SAHR, Monika. Simbolizando a distância: conversão ao islã na Alemanha e nos Estados Unidos. **REVER – Revista de Estudos da Religião**. São Paulo: PUC, n. 02, 2002. p.04.

Desta forma, o Islã não pode ser considerado mais uma religião do oriente. Está presente em vários países do mundo ocidental. Demant, por exemplo, descreve as etapas de imigração do islã para Europa:

Os muçulmanos chegaram à Europa essencialmente em três ondas. A primeira foi de nativos colaboradores com as potências coloniais, que terminam em represálias após a independência e que foram estabelecendo na metrópole, como os harkis na França. A segunda onda, muito maior, foi a dos trabalhadores-hóspedes (guest workers). Durante o período de expansão econômica européia durante os anos 60 e 70, que correspondeu à crescente miséria no Oriente Médio e na África do Norte, eles chegaram aos milhões para preencher as vagas menos desejáveis nas indústrias e serviços dos países capitalistas avançados.²⁹

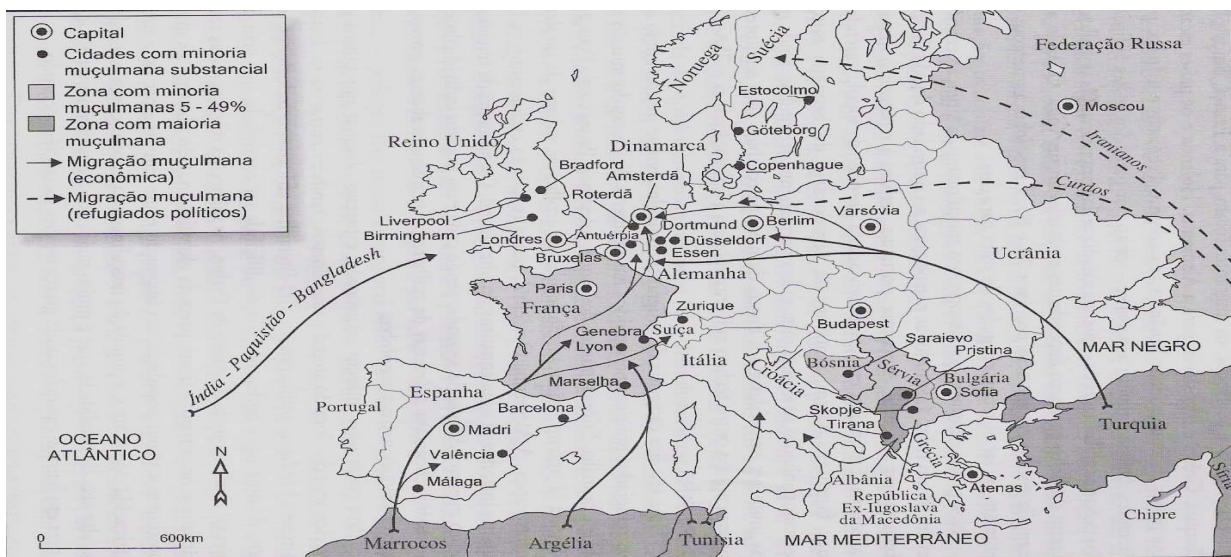


Figura II: Movimentos de imigração: as diásporas muçulmanas na Europa

Demant, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 171

Só para se ter uma idéia do número de muçulmanos em alguns países europeus, citaremos, aqui, alguns exemplos:

²⁹ DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004. p.170.

- 1) Na Gran-Bretanha há cerca de 1,5 a 2 milhões de muçulmanos, o que equivale 2,6% da população; a maioria imigrantes em Londres, onde há 600 mil muçulmanos, 40% destes são de origem paquistanesa;
- 2) Em Portugal há cerca de 30 mil muçulmanos, o que corresponde a mais ou menos 0,3% da população³⁰;
- 3) A França tem, hoje, o maior contingente de muçulmanos da Europa – cerca de 4 a 5 milhões, o que corresponde a aproximadamente quase 7% da população³¹;
- 4) Por fim, na Alemanha, os dados apontam para cerca de 2,2 milhões de muçulmanos, na maioria imigrantes turcos, 2,6 % da população³².

Ainda sobre a França, vale, aqui, uma análise de Demant:

A França – país que tem a maior experiência histórica com o mundo muçulmano, e hoje é proporcionalmente o lar da maior população muçulmana da Europa – oferece um exemplo alternativo. Como fizera em seu império, a metrópole francesa aceitava os imigrantes, mediante sua assimilação e secularização obrigatória; ou seja, os muçulmanos precisavam se tornar franceses “como os outros”, o que implicava na privatização da religião.³³

³⁰ Em 1992 foi realizado uma pesquisa que tinha o intuito de saber quantos eram e quem eram os muçulmanos na Europa ocidental. Essa pesquisa foi realizada por Nielsen e revelou os números acima.
NIELSEN, Jorgen S. *Muslims in Western Europe*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1992. p. 87.

³¹ Segundo um artigo de Daniele Hervieu-léger, **Situação das Religiões na França**, em agosto de 2001. Neste a autora demonstra a queda do catolicismo naquele país e a influência do processo de secularização que, por sua vez trouxe para perto a convivência com as mais diversas formas de crer.

³² Já ao analisar a situação dos muçulmanos nos EUA e na Alemanha, Monika Wohirab-Sahr, em artigo publicado no Brasil na revista REVER da Puc de São Paulo, demonstra dados que ela própria coletou nos dois países, além de voltar o olhar para o fenômeno das conversões. WOHIRAB-SAHR, Monika. Simbolizando a distancia: conversão ao islã na Alemanha e nos EUA. **Revista de Estudos da Religião**. São Paulo: Puc, N.02/2002. p. 8.

³³ DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004. p.173.

Estudiosos do islã, na Europa, adotaram a sigla NPI³⁴ – Nova Presença Islâmica– para demonstrar a nova configuração do islã naquele continente. Acreditam que o número significativo de imigrantes, devido ao processo de descolonização, foi responsável pela divulgação do islã neste continente; mas é, principalmente, a chegada do fenômeno das novas conversões que deixa vislumbrar questões ainda não respondidas sobre o aumento do islã em todo o mundo. Analisarei como ocorre este fenômeno em Belo Horizonte, no capítulo II.

Como pôde ser visto acima, o islã vem mantendo considerável crescimento no mundo todo, principalmente no ocidente, o que deixa pairar algumas questões intrigantes, sem termos aqui a pretensão de respondê-las, pois são complexas e exigiriam um estudo bem mais amplo do que o que aqui me propus: 1) como o ocidente convive hoje com comunidades muçulmanas em seu meio? 2) teriam sido superados os antagonismos do passado ou há ainda uma situação de intolerância?

As relações entre islã e cristianismo não refletem necessariamente os conflitos do passado. O olhar do ocidente para o oriente parece ainda engessado sob a égide do desenvolvimento, o que nem sempre corresponde à realidade. Resumir, portanto, o islã ao mundo árabe é um equívoco, porém não se pode abrandar a importância que o ocidente dá ao mundo árabe, seja ela por interesses econômicos, políticos, ou mesmo religiosos, uma vez que, nos dias atuais, os conflitos no oriente médio parecem estar longe de encontrar um fim.

Situações políticas acirraram ainda mais as disputas nos chamados territórios sagrados. Só para citar um exemplo, posso frisar a chegada do *Hamás* ao poder, na Palestina, nas eleições para o parlamento, no início de 2006. Esta organização islâmica, conhecida no mundo todo por seu

³⁴ A partir da pesquisa publicada em Nova Iorque e em Londres de autoria de Tomas Gerholm e Ingve Litmam em 1998 denominada *The New Islamic Presence in Western Europe*, a sigla NPI (*new islamic presence*) passou a ser comumente usada para falar do islã na Europa.

caráter fundamentalista, conquistou a maioria no parlamento palestino, e essa situação causou certo mal-estar geral no mundo ocidental e, de forma mais específica, no Estado de Israel. Outro exemplo ainda são os desafios constantes do *hizbolah*, partido de deus, no sul do Líbano, um partido que não reconhece o Estado de Israel e luta pela regulamentação dos territórios palestinos. Esta última situação ocasionou uma guerra desproporcional que arrasou o sul do Líbano no primeiro semestre deste ano de 2006.

Fora do Oriente Médio, a situação também é tensa. Basta lembrar os embargos propostos pelos americanos ao Irã, que é acusado de enriquecimento de Urânio, metal usado para a fabricação de bombas nucleares.

Tudo isto sem contar com a invasão dos EUA ao Iraque, desde 2003, evento em que foi deposto o governo de Saddam Hussein, recentemente executado, após ser condenado pela corte iraquiana. Esta guerra colocou o país, atualmente, em situação caótica, pois as forças americanas não conseguiram seu objetivo. Os levantes contra a invasão americana são constantes enquanto grupos – *sunitas, xiitas e curdas* disputam o poder no país.

Afora todas estas questões que, de certa forma moldam a forma do ocidente encarar o islã, há ainda o terrorismo, que amedronta os grandes centros de poder político do ocidente. Esses fatos são sempre devotados ao islã, reforçando assim a visão unilateral que se criou no mundo ocidental de que o islã é uma religião de guerra.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que tais situações reforçam estereótipos, um fenômeno importante vem mudando a forma que o ocidente vê o islã. Este fenômeno é a entrada do islã no ocidente como uma religião que busca ser universalista. As novas conversões ao islã, que ocorrem no mundo todo, mostram, no fundo, que, aqui, o islã se encontra numa situação de “mais uma” opção religiosa, fazendo parte do mercado religioso no mundo moderno, que oferece

várias formas de crer, de acordo com as mais diferentes demandas dos fiéis. Neste sentido, o islã, aqui, se encontra numa situação de “*mais uma*”, num cenário de ofertas que disputam fiéis num campo religioso fecundo. E, por sua vez, estes “consumidores” analisam e procuram, neste cenário, uma estrutura de sentido, uma forma de crer que lhes atenda a demanda e lhes forneça certa identidade.

1.2.1 A presença do islã no campo religioso brasileiro

E no Brasil? Qual seria o número de muçulmanos? Qual a situação do Islã aqui, no meio de nós?

O islã na América Latina constitui sem dúvida a parte menor – e menos estudada – do mundo muçulmano. A influência da Igreja Católica e a onipresença da cultura latina, supostamente pouco hospedeira à severidade islâmica, são ambas responsabilizadas por sua relativa fraqueza em nosso continente. Não existem estatísticas específicas – a Argentina, maior concentração fora do Brasil, contaria com setecentos mil muçulmanos. Mas há também grupos menores no Peru, Venezuela e até no Panamá.³⁵

Na América Latina há um centro de divulgação da religião chamado CDIAL (Centro de Divulgação do Islã Para a América Latina), que tem sede em São Bernardo do Campo – SP. Este centro tem como objetivo maior divulgar o islã. Nele se encontra grande número de material como livros, revistas, folhetos que trazem os princípios da religião, relação de endereço dos centros islâmicos, *sites* e passagens do Alcorão. Todo este material é disponibilizado para pessoas que procuram o centro no intuito de conhecer o islã. Há, neste centro, um corpo de especialistas em assuntos religiosos e com a missão de orientar o trabalho de divulgação.

³⁵ DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004. p.187.

A comunidade muçulmana brasileira, bastante “invisível”, supostamente chegaria a um milhão. (...) Uma parte descende de escravos negros trazidos da África para a Bahia (...) Uma segunda parte descende dos imigrantes árabes vindos particularmente do Líbano e da Síria no primeiro terço do Século XX. Distribuídos em todo território nacional, estes têm forte presença em São Paulo. Detalhe: o Brasil acolhe a maior comunidade de descendentes libaneses no mundo – existem hoje mais libaneses no Brasil do que no Líbano, aliás majoritariamente cristãos, mas há entre eles também muitos muçulmanos.³⁶

Peres e Mariz utilizaram o termo “quase-étnico” para caracterizar as comunidades muçulmanas no Brasil. Segundo estas autoras, este foi um termo usado pelo estudioso do campo religioso brasileiro, Pierre Sanchis, quando este autor analisou os protestantes luteranos do sul do Brasil, religião que nessa localidade é professada pelos alemães e seus descendentes. As autoras entenderam que o mesmo termo pode ser aplicado ao islã no Brasil, porque no início, seus membros eram sírios e libaneses, portanto imigrantes, e, mesmo no momento atual, em que o grupo é misto com a presença de brasileiros sem ascendência síria e libanesa, os muçulmanos ainda são em grande parte imigrantes ou descendentes deste.³⁷

A ilustração abaixo é fruto de rico trabalho cartográfico realizado a partir do censo 2000 que culminou no Atlas da filiação religiosa no Brasil e indicadores sócias. No capítulo destinado ao estudo das religiões orientais, este trabalho demonstrou as regiões nas quais se faz presente a religião islâmica e ficou claro sua concentração no sudeste do país, principalmente São Paulo e Foz do Iguaçu no Paraná. Os demais pontos demonstram apenas a inexpressiva existência desta religião em outras regiões do país onde ela é praticamente desconhecida

³⁶ DEMANT. *op cit.* p, 188.

³⁷ PERES, Vitória; MARIZ, Cecília. **Muçulmanos no Brasil Contemporâneo. um estudo preliminar** . Trabalho apresentado na IX Jornadas Alternativas Religiosas na América Latina. Buenos Aires, 2000.

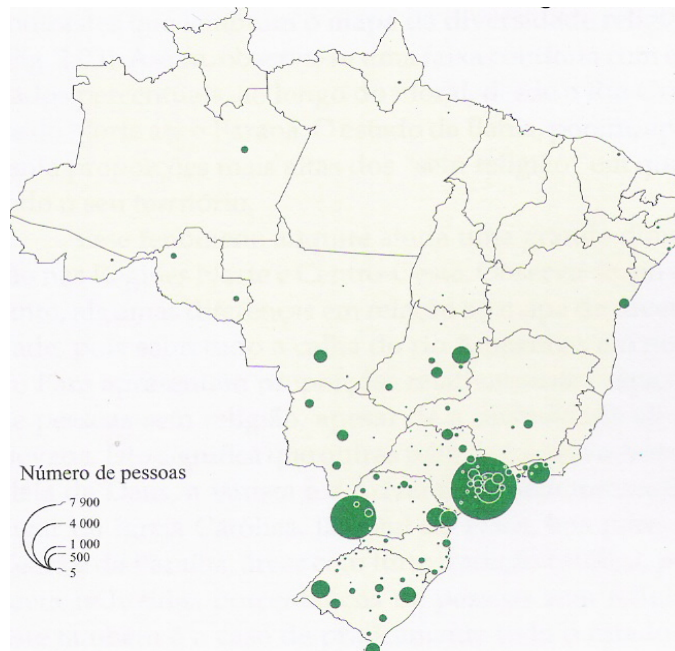


Figura:III -Os muçulmanos no Brasil por região

Fonte: JACOB, César Romero...[et al.] **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003. p. 113.[fig.5.15]

Outro ponto importante a se destacar é a presença muçulmana no Brasil de origem africana que segundo Prazeres³⁸ foi registrada nos séculos XVIII e XIX. Estes imigrantes africanos eram escravos chamados de “malês” e foram figuras fundamentais em revoltas como a “revolução dos malês” ocorrida na Bahia em 1835. Após este evento muitos muçulmanos foram deportados e outros mortos. Aguiar descreve a característica destes escravos muçulmanos:

Os escravos muçulmanos se distinguiram dos demais pela vida austera que levavam, pela moral rígida que seguiam e pela moderação e sobriedade dos gestos e rituais. (...) a marca registrada desses escravos era a barba ‘à la Cavaignac’, que usavam como símbolo de diferenciação étnica e religiosa. Os homens usavam ainda uma espécie de túnica branca típica do Sudão maometano

³⁸ PRAZERES, Luciano Padilha. **A comunidade Muçulmana de Juiz de Fora**. Monografia de Conclusão de Curso. Juiz de Fora: Departamento de Ciências Sociais da UFJF, 2007.

junto com um gorro de onde pendia uma longa faixa branca. As mulheres usavam turbante, saias rendadas e chinelinhas.³⁹

Assim, o islã o aparece no cenário brasileiro como uma religião basicamente de imigrantes, primeiro pelos africanos trazidos para cá como escravos e depois com a chegada de imigrantes sírios e libaneses. Hoje com a chegada dos convertidos sem ascendência síria e libanesa, as comunidades muçulmanas vêm crescendo e ganhando novos adeptos; mesmo que este crescimento seja discreto, deixa vislumbrar questões importantes sobre ser muçulmano no Brasil.

Mas, tratando dos números, é muito difícil falarmos de forma exata a quantidade de muçulmanos no Brasil, porque os números oficiais chocam-se com os números divulgados por fontes muçulmanas, como o CDIAL. O censo 2000 demonstrou que, no Brasil, havia apenas cerca de 27.239 pessoas⁴⁰ que confessam o credo islâmico, mas as fontes islâmicas falam de 1 milhão e, às vezes, até em 1,5 milhão. De qualquer forma, embora não haja consenso sobre os números de muçulmanos no Brasil havemos de reconhecer que o número deles é muito pequeno. Se nos atermos às fontes islâmicas, os muçulmanos correspondem apenas a uma pequena porcentagem da população brasileira, 0,6%, e, segundo os dados do IBGE, apenas 0,016% da população brasileira. De qualquer forma, houve um aumento considerável, pois, no censo de 1960, o IBGE divulgou que o número de muçulmanos no Brasil não chegava a oito mil pessoas. Neste caso, em que os números não nos ajudam muito, o que observamos e o que buscamos

³⁹ AGUIAR, Andréia Nascimento de. **Islamismo e Escravidão no Brasil** (Um estudo sobre a presença de escravos muçulmanos na Bahia nos séculos XVIII e XIX) Juiz de Fora: PPCIR/UFJF, 1997.

⁴⁰ Segundo dados do **IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, em 2000 o número de muçulmanos era de apenas 27.239, menos de 0,06% da população. Este mesmo Instituto que havia contabilizado em 1991 registrou 22.449 mil adeptos e em 1960 apenas 7.745 muçulmanos no Brasil.

compreender com este trabalho é “como” vivem estes muçulmanos no Brasil e qual sua relação com a sociedade mais ampla em que está inserido.

Pensar em 27.239 ou 200.000, ou ainda 1.000.000, não significa dizer que todos que se designam muçulmanos são praticantes ou vão à mesquita. Na maioria das mesquitas visitadas, percebe-se uma grande discrepância entre o número de fiéis que é apresentado pela entidade e o número daqueles que freqüentam as orações das sextas-feiras.⁴¹

A constatação feita por Peres foi observada também na mesquita de Belo Horizonte. Quando iniciei a série de visitas para meu trabalho de campo, tanto o *sheikh* como as demais pessoas que me receberam, o presidente da sociedade, o secretário e alguns muçulmanos do grupo original de imigrantes, falavam em cerca de 250 membros. Porém, observamos que o número de participantes não passava de 40 pessoas quando a freqüência era alta, pois, na maioria das vezes, contabilizei 30 pessoas.

Esse é o rosto da comunidade muçulmana de Belo Horizonte que, nestes aspectos, levantados pelos entrevistados, reflete um pouco também do que acontece em outras comunidades no Brasil, com exceção daquelas como a de São Bernardo do Campo – SP e Foz do Iguaçu – PN que, devido ao grande número de membros imigrantes, constituíram grandes centros, com presença de *sheikhs*, que cuidam exclusivamente da comunidade; e em alguns casos, como o de São Paulo, que agregam até mesmo colégios, formando, assim, também, centros de cultura islâmica.

Há cerca de 40 centros islâmicos espalhados pelo Brasil, em diversos estados. A maioria deles recebe o nome de Sociedade Beneficente Muçulmana. Este é nome jurídico de registro

⁴¹ PERES, Vitória. O islã no Brasil ou o islã do Brasil. **Religião & Sociedade**. Vol.26. N. 1. Ano 2006. Rio de Janeiro: ISER, 2006. p.85.

como sociedade civil, alguns deles trazendo, em seu conjunto, mesquitas, como é o caso de Belo Horizonte. O estado brasileiro que concentra o maior número de muçulmanos e o maior número de centros islâmicos é São Paulo, que além dos centros e mesquitas, também abriga a sede do CDIAL e da *Wamy*⁴² – Assembléia Mundial da Juventude Muçulmana, que é também um órgão de divulgação. Este órgão organiza a juventude islâmica, atualiza os *sites*, fomenta congressos e distribui material sobre o islã, revistas, folhetos, livros e o Alcorão. Há também *sheikhs* que acompanham este trabalho. Na visita que fiz à sede da *Wamy*, aqui no Brasil, em São Bernardo do Campo – SP, recebi muitos materiais e fui muito bem acolhido. No mesmo dia, visitei também o CDIAL. Lá, fui recebido por uma mulher muçulmana convertida, que usava véu e um vestido típico das mulheres árabes. No primeiro momento, ficou achando estranha a minha visita, mas logo depois me contou sobre o seu trabalho e sobre o centro:

Eu não falo de conversão, dá idéia de força né, eu gosto de falar reversão, eu sou revertida e meu filho também. O Cdial é isto aí que vocês estão vendo, não tem nada mais (pausa), o que vocês querem ver mais, é isso aí. Tudo que tem aqui tem lá em Belo Horizonte...Mas podemos conversar um pouco.(R. mulher de 40 anos,convertida)

Na figura IV, abaixo, pode ser visto a relação e a distribuição de alguns centros no país e percebi que as regiões sul e sudeste concentram maior número destes centros, devido ao processo de imigração sírio e libanesa, logo depois da Segunda Guerra Mundial. Além de São Paulo, a cidade paranaense de Foz do Iguaçu abriga um grande centro islâmico, muitas vezes considerado referência no país.

⁴² WAMY, World Assembly of Youth Muslim

Estado	Cidades	N. de Centros Islâmicos
Bahia	Salvador	01
Brasília	DF	01
Goiás	Goiânia	03
	- Anápolis - Jataí	
Mato Grosso	Cuiabá	01
Mato Grosso do Sul	Campo Grande	03
	- Corumbá - Dourados	
Minas Gerais	Belo Horizonte	02
	Juiz de Fora	
Paraná	- Foz do Iguaçu - Guarapuava - Maringá - Paranaguá - São José dos Pinhais	05
Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	01
Rio Grande do Sul	Porto Alegre	03
	- Chuí - Uruguaiana	
Santa Catarina	Lages	01
São Paulo	São Paulo (09)	19
	- Barretos - Campinas (02) - Guarulhos - Jundiaí - Mogi das Cruzes - Santos - São Bernado do Campo (02) - Taubaté	

Figura IV:FonteCDIAL

1.2.2 O islã no Belo Horizonte: mais uma opção religiosa?

A partir de tudo que foi visto acima, a situação atual do islã no contexto global, sua presença no Brasil e a configuração atual do campo religioso brasileiro, inserido num cenário de modernidade e pluralismo, pode-se dizer que o islã aparece neste campo religioso como mais uma opção, ou seja, mais uma oferta de crença. Numa situação em que se constata certa diminuição da hegemonia de crença, no caso da igreja católica, e um aumento de uma onda pentecostal, o Brasil ainda se configura como um país de identidade religiosa cristã. Embora majoritariamente de cristão, o Brasil é um espaço que hoje convive com várias formas de crer e, neste caso, as religiões trazidas para cá por imigrantes, como é o caso do islã, dentre outras, deixam seu caráter étnico-cultural e se apresentam como mais uma oferta, juntamente com as demais. Não num primeiro momento, pois não parece ser este o objetivo primeiro dos imigrantes, no caso muçulmano, mas neste momento atual.

No caso, especificamente, do islã no Brasil, o que se pode constatar até agora, tendo em vista o trabalho que realizei em Belo Horizonte e os demais trabalhos realizados em comunidades muçulmanas no país, é que, aqui, o islã, no início, se caracterizava como uma religião apenas de imigrantes, e seu objetivo era apenas a preservação de uma identidade cultural; portanto, uma religião étnica. Mas no momento atual, embora em número pequeno, as comunidades muçulmanas no Brasil tomam nova configuração: deixam de ser comunidades exclusivas de imigrantes para se tornarem uma comunidade mais universal, uma vez que se apresenta aberta a todas as pessoas que queiram nela se ingressar, independente de sua origem religiosa.

Ajudou-me a compreender esse novo rosto das religiões consideradas antes étnicas e agora universais, outra reflexão de Pierucci. Embora, neste trabalho, o autor não trate

especificamente do islã, os instrumentos utilizados por ele para a análise das religiões afro-brasileiras foram utilizados por mim para compreender o islã em nosso campo religioso, uma vez que este autor empregará aqui o termo “ruptura” para caracterizar o cenário de algumas religiões atualmente.

(...) abraçar uma religião pode significar, cada vez mais, abraçar uma nova religião. Ou seja, romper com o próprio passado religioso, ainda que por enquanto não se tenha a consciência de que o resultado agregado dessas crescentes rupturas biografias pode resultar num rompimento mais geral com o passado do Brasil como “nação católica”.⁴³

Assim, “abraçar uma religião é abraçar uma nova religião”. Neste caso, significa um rompimento com os laços anteriores de crenças para se inserir numa nova perspectiva, mais individual. Essa perspectiva exige do novo crente mudanças em relação ao seu universo cultural. Um de meus entrevistados ilustrou essa situação em seu relato:

Veja bem você, o natal, por exemplo, (pausa) não é só uma festa religiosa é uma festa da nossa cultura. Então, mesmo eu sendo muçulmano eu participo por ser uma oportunidade de rever alguns parentes e essas coisas, mas fico de olho no que se vai comer, só faço que é permitido e o que o Alcorão autoriza, aquela bebedeira por exemplo, o que aquilo tem haver com o natal. Então faço minha refeição de acordo com os princípios da religião, cumprimento todo mundo e pronto vou me embora. Agora aquelas coisas todas lá não tem sentido mais pra mim. (F. italiano radicado no Brasil, convertido)

O que se viu neste depoimento acima foi um relato de um rompimento com a estrutura anterior. Embora tendo prevalecido alguns aspectos da festividade da qual se referia nosso entrevistado, elas tomaram outro sentido para ele. Ele vê no Natal uma oportunidade para rever parentes apenas, e pontua a vigilância que sua nova identidade religiosa exerce sobre ele, diante

⁴³ PIERUCCI, Antonio Flávio. Ciências Sociais: A religião como ruptura. In: **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Fausto Teixeira, Renata Menezes (orgs). Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 19

de sua ação em tal festividade. Houve, neste caso, não uma ruptura no sentido de exclusão, mas no sentido de re-significar tal ocasião.

No mesmo artigo que citamos acima, Pierucci relembra a postura de Cândido Procópio Ferreira de Camargo, que fazia uma distinção entre as religiões étnicas e religiões universais, tendo as primeiras um caráter funcionalista de preservação de identidades; e sendo as segundas caracterizadas por serem abertas a qualquer indivíduo. Seguindo esta mesma linha de pensamento, creio que o islã, hoje, em Belo Horizonte se encontra num momento de transição, passando de uma religião étnica a uma religião universalista. É uma religião que se preocupa, hoje em dia, com a divulgação de sua doutrina, e está aberta a novas conversões. Ainda Pierucci:

É sobretudo a conversão enquanto mudança de uma religião de origem para uma religião de escolha que me parece, hoje, conceitualmente cada vez mais fértil na medida que – basta que avancemos um pouco mais no uso dos termos canônicos da sociologia sistemática – ela se nos dá, sem tirar nem por, sob forma de mobilidade social, entendida como passagem de um *Status* (religioso) *adscrito* pra um *Status* (religioso) *adquirido*.⁴⁴

E mais adiante, no mesmo artigo, num sentido de melhor entender porquê me propus a explorar tanto esta reflexão de Pierucci, “passagem de uma religião étnica para uma religião universal”, o autor me ajudou a aprofundar a compreensão do islã:

Pelo menos em nosso país, as alterações de função no interior do campo religioso têm se dado sempre invariavelmente na mesma direção: de religião étnica para religião universal. Não mais na direção contrária, conforme costumava acontecer com as grandes religiões universais trazida por imigrantes europeus e asiáticos (...)⁴⁵

⁴⁴ PIERUCCI. *op cit.* p, 21.

⁴⁵ PIERUCCI. *op cit.* p, 24.

Demonstrarei agora como esta tentativa de se tornar uma religião universal aparece nos materiais de divulgação do islã, que são distribuídos nas mesquitas e nos centros islâmicos. Um dos folhetos de divulgação produzidos pela própria comunidade muçulmana de Belo Horizonte, traz os seguintes dizeres:

Religião de Toda Humanidade

O islam não é uma religião nova. É em essência a mesma mensagem que Deus revelou a todos os Seus profetas.

“Dize: Cremos em Deus, no que nos foi revelado, no que foi revelado a Abraão, a Ismael, A Isaac, a Jacó e às (doze) tribos e no que, de seu Senhor, foi concedido a Moises, a Jesus e aos profetas; porque somos, para Ele, muçulmanos. (Alcorão Sagrado, 3 Surata, versículo 84)

A mensagem que foi revelada ao Profeta Muhammad é o Islam na sua forma compreensível, completa e final.⁴⁶

Este folheto, além do trecho acima, traz os pontos principais da fé islâmica, o número de muçulmanos no mundo e trechos da história da religião. O secretário da SBM me disse que, no início do ano de 2005, foram feitos oito mil folhetos destes para serem distribuídos nas portas das universidades de Belo Horizonte.

Já a *Wamy* – Assembléia Mundial da Juventude islâmica com sede em São Bernado do Campo – SP, distribui uma série de 14 folhetos informativos sobre o islã, cada um abordando uma temática diferente sobre a religião. Algumas destas temáticas dizem respeito ao sistema moral do islã, a vida após a morte, ao conceito de Deus no islã, aos direitos humanos no islã, a mulher muçulmana, ao sistema econômico no islã, ao sistema político no islã, e sobre a conversão o islã. Sobre esse último, é interessante notar o testemunho de um ex-cristão bem sucedido financeiramente, que, após uma doença, se converteu. Vejamos alguns trechos:

⁴⁶ Folheto distribuído na mesquita de Belo Horizonte aos visitantes, intitulado “**O Islam num Relance**” que se encontra nos anexos deste trabalho.

Depois de um ano de sucesso financeiro e vida noturna, fiquei muito doente, contraindo tuberculose, e tive que ser hospitalizado. Foi quando comecei a pensar o que aconteceu comigo?(...) quando meu irmão voltou de Londres, trouxe com ele uma tradução do Alcorão, que me deu. (...) quando recebi o livro (um guia que podia explicar tudo para mim: quem sou? Qual é o propósito da vida? De onde vim?), descobri que aquilo era a verdadeira religião. (...) Assim, numa sexta-feira, depois da oração, fui até o *Immame* e declarei minha fé (testemunho) perante ele. Disse-lhe: Eis aqui um homem que conseguiu fama e fortuna, mas nunca conseguiu orientação por mais que tentasse, até ver o Alcorão.⁴⁷

Portanto, com estes exemplos, uma questão foi muito importante para meu trabalho: a tentativa do islã de se tornar uma religião universal, deixando de ser apenas uma religião de imigração, como no passado. A divulgação e a mensagem dos materiais demonstram certa “propaganda” da religião, no intuito de atrair mais adeptos.

Além disso, há livros que também são confeccionados com o intuito de divulgar a religião e atrair novos adeptos, como o caso dos seguintes títulos:

- **Jesus, um profeta do islã**
- **A Bíblia, O Alcorão e a Ciência**
- **O islã em foco**
- **Os milagres no Alcorão**

⁴⁷ Folheto número 14 intitulado: Como abracei o islam. Distribuído pela WAMY, o mesmo se encontra nos anexos deste trabalho.

CAPÍTULO 2: O ISLÃ EM BELO HORIZONTE: inicialmente uma religião étnica...

Não existe religião alguma que seja falsa. Todas elas respondem, de formas diferentes, a condições dadas da existência humana (E. Durkheim)

Neste capítulo, procurei demonstrar como o islã chega em Belo Horizonte, neste sentido busquei fontes que descrevem a imigração árabe para o Brasil e posteriormente levantei momentos importantes da história da Sociedade Beneficente Muçulmana de Minas Gerais – SBM/MG, no intuito de saber como foi a organização inicial deste grupo e quais eram seus objetivos. Essa retrospectiva histórica foi importante porque, a partir dela, obtive elementos importantes para compreender o momento atual deste grupo, sua nova composição e até mesmo suas tensões internas. Neste capítulo foi importante também os depoimentos tanto dos árabes que iniciaram este grupo, como dos convertidos recém chegados a ele. Analisei, ainda, dois casos de conversões “avulsas” que ocorreram na década de 80, portanto fora do contexto atual das novas conversões. Estes dois casos me ajudaram a compreender a chegada dos primeiros membros sem ascendência muçulmana ao grupo e seu processo “solitário” de conversão. Ainda mostraram fatos importantes da vida de um convertido ao islã assim como motivações que os levaram a encontrar uma comunidade em que pudessem partilhar a crença que antes praticavam sozinhos.

2.1 A imigração Árabe para o Brasil e sua chegada em Belo Horizonte: Breve histórico

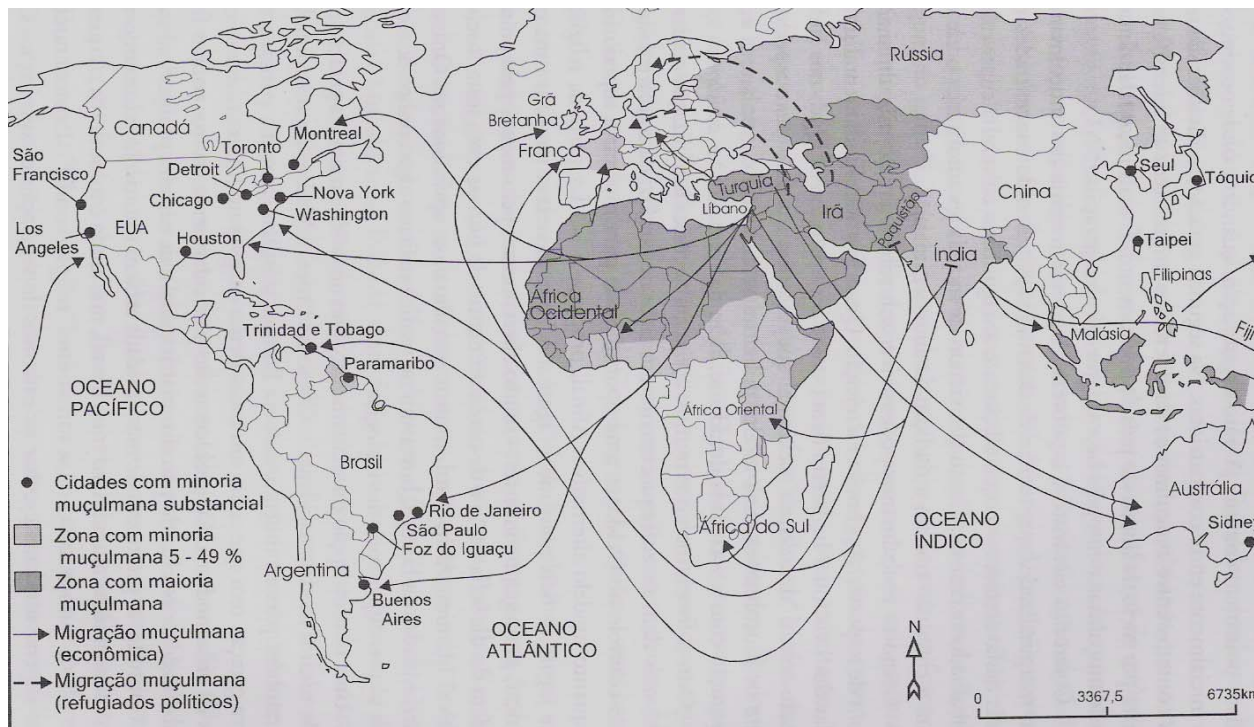


Figura V: Movimento de migração: as diásporas muçulmanas no mundo

Fonte: Demant, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto: 2004. p. 175

Segundo Osman, a imigração árabe para o Brasil acompanhou o fluxo migratório que se instalou no país a partir de projetos que “incentivaram, facilitaram e financiaram a entrada do imigrante, sobretudo os europeus, alemães e italianos”⁴⁸. Esse processo se deu no final do século XIX, momento em que o império otomano⁴⁹ reinava sobre a Síria, Líbano, Palestina e outros países do oriente médio. Por este motivo, os imigrantes dessas regiões chegavam aqui com o passaporte de “turcos” e assim esta classificação foi consagrada pelo uso no consciente da

⁴⁸ OSMANN, Samira Adel. A imigração árabe para o Brasil. **Travessia. Revista do Imigrante**, n. 35. São Paulo: 1999. p.17.

⁴⁹ O império Otomano 1281-1924, de supremacia sunita, conhecido como o último grande poder muçulmano.

população brasileira. Este, primeiro fluxo migratório do oriente para o Brasil, ficou desta forma conhecido. Porém, já no século XX, principalmente depois da década de 40, outro grupo de imigrantes sírios e libaneses chegou ao Brasil, desta vez não mais conhecidos como “turcos” e sim, como “árabes.

Os grupos de sírios e libaneses que vieram para o Brasil foram apenas dois grupos menores numa situação de política migratória, principalmente depois da chamada abolição da escravidão, em 1888. Italianos, japoneses e alemães formavam grupos bem mais expressivos.

Além de cristãos ortodoxos maronitas (libaneses) e melquitas (sírios), após a segunda guerra mundial, os muçulmanos aparecem em número pequeno no meio dos imigrantes sírios e libaneses.

No processo migratório árabe, duas distintas etapas de fluxo foram acionadas por diferentes fatores e que envolvem dois grupos religiosos: no período de 1880 a 1938, cristãos, católicos romanos, maronitas, ortodoxos gregos do culto malekita e no período de 1945 a 1985, os muçulmanos e druzos, continuando em menor proporção e relevo e com características específicas pela década de 90.⁵⁰

A primeira Sociedade Beneficente Muçulmana do Brasil foi criada em São Paulo, cidade de maior número de imigrantes sírios e libaneses e local também da maior concentração de muçulmanos brasileiros, no ano de 1929.⁵¹ A primeira mesquita foi inaugurada no ano de 1956, na mesma cidade de São Paulo.⁵²

⁵⁰ OSMANN, Samira Adel. A imigração árabe para o Brasil. **Travessia. Revista do Imigrante**, n. 35. São Paulo: 1999. p.17

⁵¹ **Revista Alvorada** n. 49 de 09-10-99. p,14.

⁵² **Revista Alvorada** n. 49 de 09-10-99. p,16.

2.1.1 Sociedade Beneficente Muçulmana de Minas Gerais

(Figura VI: exterior da mesquita de BH – Arquivo pessoal)



A pedra fundamental da construção da Mesquita de Belo Horizonte foi colocada em 1989, e ficou pronta em 1992; mas, a Sociedade Beneficente Muçulmana de Minas Gerais existia desde 1962⁵³. Antes da construção da mesquita, os muçulmanos se reuniam para suas orações às sextas-feiras, numa sala sobre uma loja de departamentos, denominada Nova Brasília, na Rua São Paulo 692, no centro da Cidade, de propriedade de uma família síria.

Os imigrantes sírios e libaneses que vieram para Belo Horizonte tinham o objetivo, segundo um informante, de ganhar dinheiro e, depois, retornarem para sua terra. Não tinham, num primeiro momento, a intenção de divulgar a religião. Este mesmo informante nos relatou as dificuldades que o primeiro grupo de imigrantes tinha para conservar os costumes e ritos religiosos:

Naquela época tínhamos dificuldades inclusive de saber quando era o mês de Ramadã, uma ligação para o Líbano era coisa muito difícil, ficávamos sabendo por carta muito tempo depois do início do mesmo. (I, 70 anos imigrante)

Porém, estes imigrantes foram, aos poucos, constituindo família em Belo Horizonte. A maioria se casou com mulheres cristãs, e nunca mais retornou à terra de origem, embora tivesse fortes ligações nestes lugares.

⁵³ Registros da Sociedade Beneficente de Minas Gerais. Ata de fundação e fotocópia de registro em cartório, cedida para consulta pelo então presidente da Sociedade Sr. Daniel Fernandez.

Nesse período, o grupo se reunia na casa do Sr. Ali Slaibe, hoje membro mais velho deste grupo e presidente de honra da associação. A idéia inicial era preservar hábitos e costumes assim como a história e a identidade, mas sem nenhuma pretensão de divulgar a religião. A sociedade ficou por um tempo desativada de suas atividades, foi novamente retomada por iniciativa do Senhor Ali em 1972, e como foi dito acima, este grupo passou a se reunir para as orações das sextas-feiras numa sala no centro da cidade. Basicamente composto por imigrantes, o grupo mantinha discreta relação com a comunidade local; não via nenhum problema em estarem casados com mulheres cristãs, e muitos de seus filhos seguirem a religião da mãe.

Em 27 de agosto de 1989, foi colocada a pedra fundamental do que seria a Mesquita Profeta *Mohammad*, hoje Mesquita de Belo Horizonte, que deu novo impulso ao grupo. A planta para esta construção foi enviada pelo governo do Marrocos e a construção foi financiada pelos próprios membros do grupo

(Figura VII:do interior da Mesquita de BH –Arquivo pessoal)



Em 1991, ficou pronta a mesquita, e o grupo de imigrantes agora marcava presença de uma forma também física no espaço público de Belo Horizonte. Neste período, teve início o

fenômeno das novas conversões, pois, o contexto religioso mundial dá certa visibilidade às diversas formas de crer. Ajudou-me a compreender este momento as reflexões de Brandão:

Para além da religião, o tempo cultural em que vivemos e para onde nos dirigimos, inclui cada vez mais um número maior de estilos de espiritualidades, de outros sistemas de sentido, de combinações pessoais e coletivas de saberes e valores que não apenas permitem, mas obrigam a própria pessoa-religiosa a interações de sentido, a integrações de escolhas, a determinações de seu próprio destino como indivíduo e uma identidade⁵⁴.

Então, a medida que o grupo tomou certa visibilidade frente a sociedade local, principalmente depois da construção da mesquita, observou-se a entrada, neste grupo original de imigrantes, de mineiros sem ascendência muçulmana que movidos por uma busca de sentido, por uma identidade religiosa, encontram no islã uma alternativa e uma forma de vida religiosa que abrange, ao mesmo tempo o interior e fornece orientação para vida.

(Figura VIII: Muezim fazendo o chamado para oração – Arquivo pessoal)



O grupo atualmente, está composto por imigrantes, estes já em sua maioria idosos; por alguns de descendência muçulmana; e pelos novos convertidos, que tiveram acesso ao islã através de alguma literatura, algum tipo de estudo e mesmo pela mídia.

⁵⁴ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fronteira da Fé – alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil Hoje. **Estudos Avançados**. São Paulo: USP, n. 52, 2004, p. 284.

2.1.2 Primeiras conversões: um breve comentário sobre dois casos

Embora, como foi visto, não haja um consenso entre o número de muçulmanos divulgados pelo IBGE e o número divulgado pelos próprios muçulmanos, o que se pode notar é um visível e crescente interesse por essa religião no Brasil. Esse fato não acontece apenas em nosso país, mas no mundo todo, principalmente após os eventos de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, em que o islã ganhou certa visibilidade no cenário mundial. Acredita-se que muitas conversões se deram a partir daí. Porém, bem antes destes acontecimentos na década de 80, a comunidade de Belo Horizonte recebeu convertidos não de uma forma comum como hoje. Tomarei um caso de um informante que chamarei aqui de Ismael⁵⁵. Nascido no interior de Minas Gerais e de família católica, Ismael tomou conhecimento do islã por meio de livros:

Em 1983 quando eu já tinha conhecimento razoável, relativo conhecimento do islã, eu fui a São Paulo, foi onde eu fui à primeira mesquita, foi a mesquita do estado que fica na Avenida, na própria Avenida do Estado. Nesta mesquita foi onde eu me conver...(pausa) abracei o islamismo. E lá em Belo Horizonte eu conheci um senhor árabe, que já faleceu, e ele me ensinou em 81, 82, quer dizer foi antes de ir para São Paulo ele me ensinou como eram as orações, as palavras em árabe, alguns versículos do Alcorão pra fazer a reza e tal. Então eu fiz lá em São Paulo, lá na presença do sheikh da mesquita, tinha terminado as orações. (Ismael. 45 anos, convertido)

Este caso, do senhor Ismael, que hoje é o convertido mais antigo da comunidade, demonstra outra motivação para sua conversão do que as atuais. Primeiramente, porque pela época podia-se notar pouca ou nenhuma visibilidade do islã na mídia. Depois, ele teve contato com leituras que remetiam ao islã por conta própria e por ter certa curiosidade com esta religião. Só anos depois de sua conversão, ele foi se integrar à comunidade de Belo Horizonte até porque

⁵⁵ Nestes dois casos optei por não usar iniciais e sim nomes fictícios, o primeiro chamarei de Ismael e o segundo de José.

no ano de sua conversão 1983 a comunidade de Belo Horizonte não tinha sede própria e nem estava estruturada fisicamente.

Eu cheguei aqui (Comunidade Muçulmana de Belo Horizonte) no fim dos anos 80. Eu conheci através do dono das lojas Nova Brasília, eu fui comprar umas coisas lá dentro e ele chegou na loja que tinha ali na Avenida Guarani ou Paraná, ele chegou e eu perguntei se tinha endereço, disse, sou muçulmano, mas não tenho lugar, e tinha uma salinha lá na rua São Paulo, aí eu comecei a frequentar a salinha com eles. (Ismael. 45 anos, convertido)

Outro caso interessante de conversão na comunidade muçulmana mineira foi a do senhor, que chamarei aqui de José. A conversão deste segundo informante também aconteceu há algum tempo, fora deste contexto de maior número de convertidos. Este senhor é um funcionário público aposentado, hoje com 68 anos, é ainda militante de um grupo de consciência negra, faz parte de um partido político e sua história é marcada pela ditadura militar, na qual sofreu algumas sanções. Tem artigos escritos em jornais sobre a causa negra e faz fortes críticas a judeus e católicos.

José recebeu-me em sua casa e disse que lá se sentiria mais a vontade para contar a sua história no islã. Em nosso trabalho de campo foi a entrevista mais longa, pois fez questão de contar todos os detalhes de sua vida até a sua chegada no islã. Abaixo transcrevi sua trajetória:

Era Cristão católico até 1974 casei neste ano na igreja do Caiçara pelo padre Antônio. Mas sempre fui militante negro e me deparei com a literatura africana e encontrando a origem religiosa dos ancestrais e comparando o comportamento diabólico dos cristãos senhores de escravos e de engenho para com meus ancestrais eu resolvi voltar para o islamismo, eu estaria voltando para a religião do meu avô e me vingando da cristã. Eu queria te mostrar, ó esse Corão é o primeiro Corão traduzido em português, é veja bem esse Corão eu comprei na livraria ao lado do café Nice, livraria, na praça sete, veja bem eu mexia com literatura africana eu tenho os livros e te mostro,...; o pessoal era muçulmano, só trouxeram como escravo os negros africanos eu comprei o Corão e nem pensei em mesquita porque, porque eu tinha na cabeça que aqui no Brasil só seguia o islamismo os árabes e eu tinha medo de contatar com os árabes porque eles também foram traficantes de escravos, então eles não iam gostar de eu ser

muçulmano sendo negro eu ia lembrá-los e ia criar um constrangimento eu era irmão dele religioso e ao mesmo tempo o testemunho de que ele era senhor de escravo então não ia a mesquita. Mas aí veio aquele troço de Nova Iorque a torre o atentado, quando veio aquele atentado eu me lembrei, pronto agora o serviço secreto americano vai perseguir o muçulmano em tudo o que é lugar e como eu sou muçulmano eu sou um soldado da *Jihad*, então agora eu vou me apresentar na mesquita. E me apresentei falei sou muçulmano taqui meu corão faço oração vou fazer a *shahada* pro cês vê que eu rezo direitinho. Meu joelho tem calo o *sheikh* que me ensinou um creme, aqui ta igual camelo isso aqui tem um casco duro de ajoelhar no chão, eu não sabia que tinha tapete na mesquita, eu não sabia disso, eu sou o único muçulmano lá que tem mancha na testa”. (José. 68 anos, convertido)⁵⁶

O relato acima demonstrou outro caso de conversão mais antiga e nestes dois casos há vários aspectos que motivaram a conversão, na qual destacamos: 1- tornar-se muçulmano para vingar dos cristãos; 2- a militância no movimento negro, nos Estados Unidos há grande número de militantes negros muçulmanos; 3- a entrada no grupo somente após os atentados de 11 de setembro de 2001.

Outro momento importante nos relatos do senhor José é a sua postura política aliada à sua militância:

Fazia as orações em casa tudo direitinho o ramadã todos os anos e a minha mulher achava que eu era ateu, porque ela não sabia que eu era muçulmano, ela só não percebia as orações como ela achava que eu era esquisito, comunista, ocê num vai a igreja, imagina ocê, eu sou socialista fundador do partido do Brizola há 25 anos o PDT, a bandeira tá lá, fundador, fui o primeiro presidente municipal eleito do partido, fui candidato a vereador duas vezes, então ela entendia o seguinte ele não vai a igreja é do partido do Brizola então é comunista”...(risos)

Sobre a proximidade do islã com os movimentos de militância negra, podemos citar o trabalho de Peres e Mariz, no qual estas autoras, ao analisarem a conversão ao islã no Brasil contemporâneo, fazem menção a esta proximidade:

⁵⁶ Esta entrevista foi nos concedida no dia 12/05/2006 às 16:00 na residência do senhor José.

Nevertheless the discourse of the convert is not reduced completely to the diffusion of books or proselytising discourse. One characteristic which is not present in these books is the affinity of Islam with the Black Movement and its struggle. Throughout Brazil's history, it has effectively been an example of struggling against slavery led by Muslim African slaves, but this event is not shown in the books used for conversion which are written by authors who do not know Brazil or its history.⁵⁷

Dividi a trajetória do senhor José no islã em duas etapas: antes e depois dos eventos de 11 de setembro. A motivação para fazer parte de uma comunidade muçulmana surgiu a partir do momento em que ele imaginou que os muçulmanos seriam perseguidos em todo o mundo, neste caso, ele tinha que se afiliar a seus irmãos porque como muçulmano era também um soldado da *Jihad*.

O que pretendi mostrar com estes dois casos é que houve conversões ao islã em Belo Horizonte no passado, porém com motivações bem diferentes do fenômeno de conversões que ocorre hoje, no momento em que o número de convertidos é bem próximo do número de crentes com ascendência muçulmana. Além disso os dois casos acima são relatos de conversões solitárias de pessoas que tiveram o primeiro contato com o islã através de leituras ou ligaram os princípios desta religião com suas militâncias em partidos políticos, grupos contra a hegemonia americana e movimentos de consciência negra como foi o caso do senhor José.

⁵⁷ PERES, Vitória e Mariz, Cecília. *Conversion to islam in contemporary Brazil*. Exchange, v. 35, n. 1, 2006. p.107. Todavia, o discurso do convertido não é reduzido completamente aos livros sobre poselitismo. Uma característica que não está presente nestes livros é a afinidade dos convertidos ao islã com os movimentos de negros. Em toda a história do Brasil há exemplos de luta contra a escravidão guiados escravos africanos muçulmanos, mas este evento não foi mostrado nos livros sobre a conversão por que foram escritos por autores que não conhecem a história do Brasil.

2.2 O islã em Belo Horizonte: em direção a uma religião universal?

Pode-se dizer, que no momento atual, o caráter da comunidade muçulmana de Belo Horizonte é de um grupo misto. Os imigrantes sírios e libaneses compõem a faixa etária mais alta do grupo, entre 60 e 75 anos. Os mais novos, uma pequena parte, são descendentes destes sírios e libaneses, mas a maior parte são jovens mineiros sem ascendência muçulmana que se converteram há no máximo três anos, e idade entre 17 e 23 anos. A chegada deles e sua incorporação ao grupo só pôde ser possível por causa da movimentação da comunidade muçulmana de Belo Horizonte, que deixa de ser um grupo étnico e caminha em direção a uma religião universal, num sentido em que se torna aberta a qualquer pessoa. Este movimento ficou evidente quando observei a recepção de visitantes, a distribuição e confecção de material de divulgação da religião e a presença de algum membro desta comunidade em meios de comunicação ou em escolas dando palestras ou falando sobre os princípios basilares do islã.

De acordo com Weber, a conversão, sob o ponto de vista sociológico, está relacionada ao desenvolvimento do conceito de uma religiosidade ética⁵⁸, portanto implica uma ruptura ao convertido, cabe a mudança de vida, de hábitos e modos de ver o mundo, ou seja, sua cosmovisão. A adesão a uma nova identidade exige do novo membro um novo comportamento social, vejamos este relato:

A minha família primeiro achou estranho, depois gostou muito, principalmente minha mãe, porque viu que eu mudei de vida, não saio mais à noite, parei de fumar, não bebo e meu grupo de amizades se reduziu aos amigos aqui da mesquita. Então foi uma maravilha, uma mudança radical. Minha mãe e meu pai estiveram até aqui visitando a mesquita. (B. 17 anos, convertido)

⁵⁸ WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: UNB, 1991.

Para este jovem convertido, ao assumir sua nova identidade religiosa assumiu também novos hábitos em sua vida social, o que para sua família foi traduzido em uma boa mudança. Neste caso foi possível perceber as implicações sociais da conversão, a mudança de sentido e a mudança também nas relações sociais e familiares.

Para Carrier a conversão traz crise e, ao mesmo tempo, total adesão aos novos valores compartilhados em certo grupo; esta experiência auxilia o indivíduo em sua integração social.⁵⁹

E ainda Valle me auxiliou nesta percepção da conversão com a seguinte reflexão:

Sempre que existe um movimento mais profundo de reorganização da pessoa pode-se legitimamente falar de processos que merecem o nome de conversão, pois as pessoas passam por significativas transformações ao nível da personalidade.⁶⁰

Nos relatos dos recém-convertidos, em pelo menos duas vezes em seus depoimentos, os eventos de 11 de setembro de 2001 apareceram, ora demonstrando um sentimento anti-americano, ora demonstrando certa simpatia com um movimento mais amplo de busca por uma identidade religiosa mais austera.

Outro ponto importante a destacar no horizonte dos novos convertidos ao islã é o discurso do crente, que analisado mais profundamente, demonstra a reprodução de parte do material de divulgação que é distribuído nas mesquitas e nos centros islâmicos. Esta situação foi destacada

⁵⁹ CARRIER, Hervér. *The sociology of religious belonging*. New York: Herder and Herder, 1965.

⁶⁰ VALLE, Edenio. Conversão: da noção teórica ao instrumento de pesquisa. **REVER – Revista de Estudos da Religião**, n. 2, São Paulo: PUC, 2002. p.14. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv2_2002/t_valle.html. Acesso em março de 2006.

no artigo de Peres em que ela e Mariz no qual estas autoras caracterizam o fenômeno das novas conversões:

When questioned on why they converted to Islam the interviewees always emphasized the reason as being the clarity, logic and rationality of this religion. It is repeatedly said that the motivation for conversion is due to the fact that Islam is a religion with no mysteries, it is logical, coherent, and it stimulates the search for knowledge. The similarity of these reports, which are almost standardized, indicates to us the reception and absorption of the discourse of Islam about itself. This discourse, in general, is present in the publicity material (books, brochures) printed by the Centro de Divulgação -do Islam para a América Latina (Center for Diffusion of Islam to Latin America — CDIAL), or (mostly translations of material published in Muslim countries).⁶¹

Neste artigo, as autoras fazem uma análise do discurso dos convertidos e dos materiais de divulgação.

(Figura IX: O *sheikh* dirigindo o culto da sexta-feira – Arquivo pessoal)



⁶¹ PERES, Vitória e Mariz, Cecília. *Conversion to islam in contemporary Brazil*. Exchange, v. 35, n. 1, 2006. p.103. Quando questionados sobre a conversão ao islã os entrevistados enfatizam sempre, a simplicidade, a lógica e a racionalidade da religião. E frequentemente dizem que a motivação para sua conversão ocorre devido ao fato do islã ser uma religião sem mistérios, ser lógica e coerente, além de estimular a pesquisa e o conhecimento. A similaridade dos relatos é quase um o discurso oficial e indica uma recepção e absorção do discurso do islã sobre crente. O discurso, em geral, é apresentado no material de publicidade (folhetos e livros) impressos pelo Centro de Divulgação do Islã para América Latina e principalmente materiais trazidos de países muçulmanos.

O Número de convertidos, que abraçaram o islã sem ascendência árabe⁶², chega a corresponder uma média de **40 %**⁶³ dos membros do grupo. Segundo o presidente da sociedade, os sírio-libaneses (erroneamente chamados de turcos) vieram para o Brasil no início e meados do século passado para trabalhar, “*ficar rico e voltar para o Libano*”⁶⁴. A maioria era de cristãos maronitas. Os poucos muçulmanos que vieram para cá se casaram com mulheres cristãs católicas e os filhos também se casaram com cristãs, não se interessando assim pela religião do pai, que antes parecia um grupo pequeno de homens que se reuniam para discutir assuntos ligados ao trabalho (comércio). De fato, pelo que parece, muitos destes imigrantes enriqueceram como planejaram, mas não voltaram à terra natal e também não se preocuparam com a divulgação da religião.

Em Minas Gerais, o número de muçulmanos é muito pequeno. Basicamente, os imigrantes se concentraram no sul, zona da mata e na capital do estado. O grupo de muçulmanos

⁶² Geralmente os muçulmanos não gostam de usar o termo conversão, para eles este termo dá idéia de força ou violência, neste caso eles preferem falar em abraçamento ao islã. Há uma certa idéia que todos os seres humanos são muçulmanos, uma vez que ser muçulmano designa submissão total e voluntária a Deus, assim quando alguém abraça o islã, retorna à origem a que sempre esteve destinado. Usamos, portanto, o termo conversão ou convertido, por força do uso ou mesmo por falta de um termo que melhor caracterize a chegada de pessoas sem ascendência mulçumana, brasileiros, que hoje encontram aqui o islã como mais uma forma de opção religiosa, mais uma religião que compõe o mercado religioso atual. A busca por um sentido de vida ou por uma identidade marca o discurso deste crente, mais uma identificação religiosa que não cultural. O motivo de muitas divergências entre o grupo dos muçulmanos de origem síria e libanesa com o grupo de novos adeptos é exatamente o fator cultural. Quem abraça o islã no Brasil busca uma religião e se opõe de certa forma, à uma conversão cultural. Nas entrevistas colhidas no campo, fica claro o sentido de pertença, no memento atual em que o número de muçulmanos árabes é menor parte do contingente religioso, o islã se desenvolve e está presente massivamente em países sem nenhuma ligação com o mundo árabe, como é o caso da Indonésia, país considerado hoje de maior população muçulmana do mundo. Mesmo entre os sírios e libaneses, que vieram para o Brasil, somente uma minoria era muçulmana, a maior parte eram cristãos ortodoxos. Encontramos no Estado de Minas Gerais, em muitas regiões, grande número de descendentes sírios que não tem nenhuma ligação com o islã, como é o caso do leste e da zona da mata mineira. Em algumas cidades destas regiões a presença síria é grande no comércio e no cenário social local, ruas recebem nomes de sírios que trabalharam e atuaram na sociedade, só para citar um exemplo, na cidade de Manhuaçu encontramos fortes laços da imigração, descendentes, comerciantes, imigrantes ainda vivos e atuantes, porém, sem nenhuma ligação religiosa com o islã. É importante notar, ainda, que mesmo no grupo minoritário de imigrantes muçulmanos, a divulgação do islã e a continuidade da religião não foi a primeira preocupação deles.

⁶³ Dados do trabalho de campo realizado no primeiro semestre de 2006.

⁶⁴ Esta fala foi colhida em entrevista com o Senhor I. que há mais de 40 anos mora em Belo Horizonte.

em Belo Horizonte tem cerca de duzentos e cinqüenta membros, entre imigrantes, seus descendentes e novos adeptos. Porém, o número dos que freqüentam a mesquita é bem menor, chegando a noventa pessoas em ocasiões especiais, sendo que nas orações das sextas-feiras, o número não chega a cinqüenta pessoas.

Entretanto, o que me chamou a atenção neste grupo não é o número, mas a forma como este se relaciona com a sociedade local, como atrai novos adeptos e como está se inserindo num cenário mais amplo.

Os mineiros que se converteram ao islã, que hoje corresponde a uma importante parcela do grupo, quando questionados sobre a motivação que os levou ao islamismo, respondem sempre que foi devido à clareza, à lógica, à racionalidade dessa religião. O fato do islã se apresentar como uma religião simples, sem sacerdotes e sem sacramentos, também é enfatizada. Esses argumentos estão presentes também no material que é divulgado nas mesquitas.

Como disse antes um ponto interessante a se destacar é que, do grupo dos convertidos sem ascendência muçulmana, muitos são jovens entre 17 e 23 anos. Eles são procedentes de famílias cristãs, sem nenhuma ligação com o islã. Estes jovens falaram das dificuldades de se ter uma identidade religiosa que exige mudança de conduta. Segundo os mesmos, o relacionamento familiar não foi afetado, mas na escola e no emprego as pessoas tinham dificuldades em entender tal opção. A própria oração das sextas-feiras implicaria em mudanças, pois sexta-feira é um dia comum de trabalho; os que estudam, por exemplo, deixam, neste dia, as aulas mais cedo. Apesar destas pequenas adaptações, estes jovens muçulmanos fazem questão de mostrar sua identidade, e divulgam, de certa forma, a nova religião. Isto pôde ser visto neste relato de um jovem de 23 anos que se converteu ao islã aos 15:

Algumas pessoas vêm me perguntar, principalmente na escola, aqueles que não me conhecem né, vem me perguntar um pouco sobre o islã. Eu dou um folhetim lá para eles, que eu recebi aqui na mesquita eu falo do folhetim e explico e se a pessoa quiser vim, será bem- vinda. A família até gostou né, porque eu não bebo, não vou em festas que viram a noite, o grupo de amigos é pequeno. (L. 23 anos, convertido)

Parece-me, que de fato, a divulgação do islã tem ficado a cargo dos convertidos. Nas entrevistas que fiz com os imigrantes, não vi, por assim dizer, uma preocupação clara com a divulgação e com a busca de novos adeptos. Já os entrevistados convertidos, falam da importância de se falar do islã, como vimos no relato acima. Um convertido nos falou que foram feitos cerca de 8.000 folhetos sobre o islã para serem distribuídos nas faculdades e universidades da capital.

(Figura X: Oração da sexta-feira –Arquivo pessoal)



CAPÍTULO 3: A SOCIEDADE BENEFICENTE MUÇULMANA DE MINAS GERAIS NOS DIAS ATUAIS

Se o diálogo pressupõe a integridade da própria fé pessoal, requer também a abertura à fé do outro na sua diversidade. Cada interlocutor do diálogo deve entrar na experiência do outro, esforçando-se para colher essa experiência a partir de dentro (J. Depois)

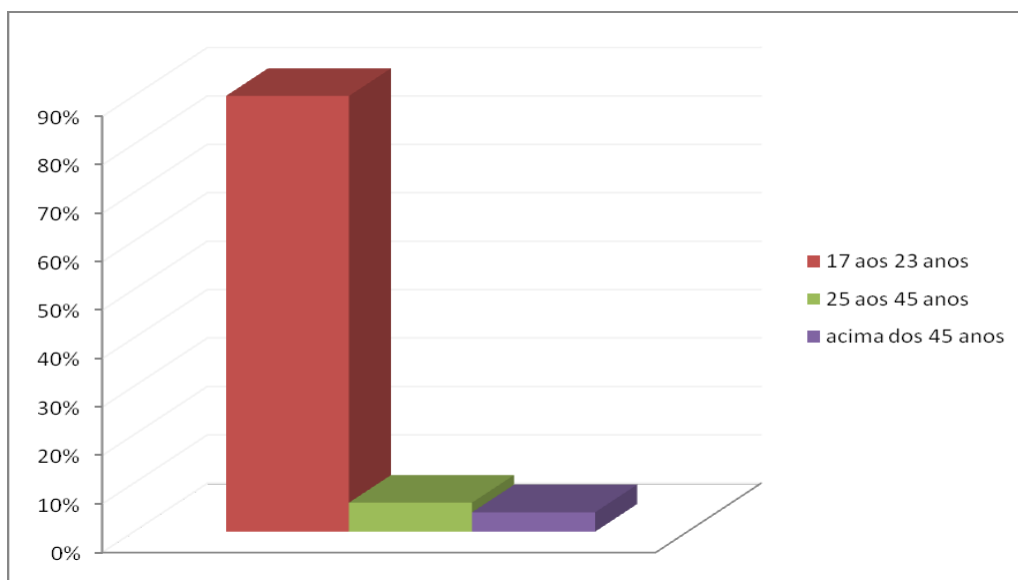
Os dados que apresento neste capítulo tentam construir um perfil do grupo, especialmente do subgrupo dos convertidos sem ascendência muçulmana, pois estes revelaram a fluidez do nosso campo religioso até chegarem ao islã trazendo conteúdos e símbolos da religião anterior, acrescentando nova configuração a este grupo que antes se comportava apenas como um grupo étnico. Assim, a partir do meu trabalho de campo, tentei aqui mostrar um desenho da composição atual da comunidade muçulmana de Belo Horizonte.

3.1 Uma caracterização sociológica

Conforme pode ser visto abaixo, a tendência deste subgrupo de convertidos foi de crescer em número hoje correspondem a cerca de 40 por cento dos membros. Ao mesmo tempo em que este grupo crescia, propunha-se a divulgar o islã, fazendo-se conhecidos, caracterizados em seu estilo de vida e conduta. Hoje, este grupo de convertidos brasileiros convive com o grupo original, mas faz questão de marcar bem as diferenças, como ficou claro em alguns depoimentos. Além de folhetos explicativos sobre o islã, os convertidos fazem questão de ir às escolas, dar palestras e receber bem os visitantes. O fato de a maioria dos convertidos desta comunidade

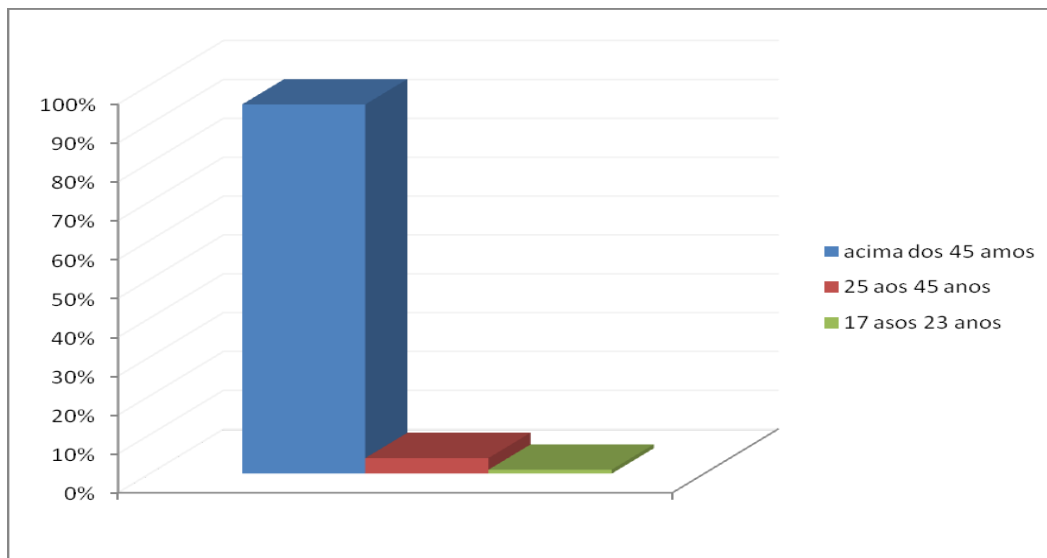
pertencer a esta faixa etária entre os 18-23 anos revelou certa curiosidade se comparado com dados mais amplos. Segundo o Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS), em um estudo feito sobre a mobilidade religiosa no Brasil, mostrou que 23% da população brasileira transitou entre religiões e desse total a faixa de idade entre 18 e 25 anos foi a que menos mudou de religião, ou seja, entre os mais jovens não se verificou tanta mudança de religião como nas outras faixas etárias. Este estudo entendeu que isso ocorre porque nesta fase da vida os jovens estão envolvidos com atividades acadêmicas e estudantis, preocupados com o trabalho e a vida afetiva, não sendo a religião fator prioritário em suas vidas⁶⁵. Curioso é que na comunidade muçulmana de Belo Horizonte foi esta faixa etária a responsável pelo fenômeno de novos convertidos para o grupo, conforme demonstra o gráfico abaixo:

Figura XI: Faixa etária do subgrupo dos convertidos



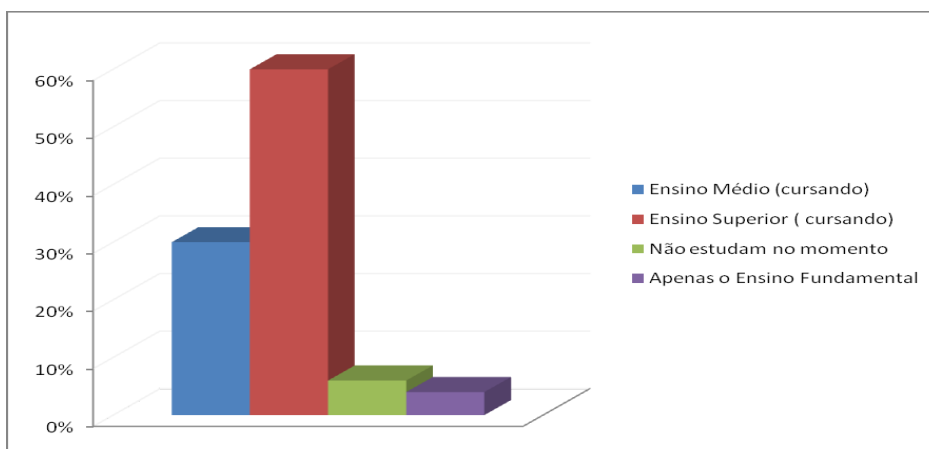
Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2006.

⁶⁵ Conf: FERNANDES, Sílvia Regina Alves. (org) Mudança de Religião no Brasil. Desvendando sentidos e motivações. Rio de Janeiro: CERIS, CNBB E PALAVRA E PRECE, 2006. p. 17.

Figura XII: Faixa etária do subgrupo dos imigrantes

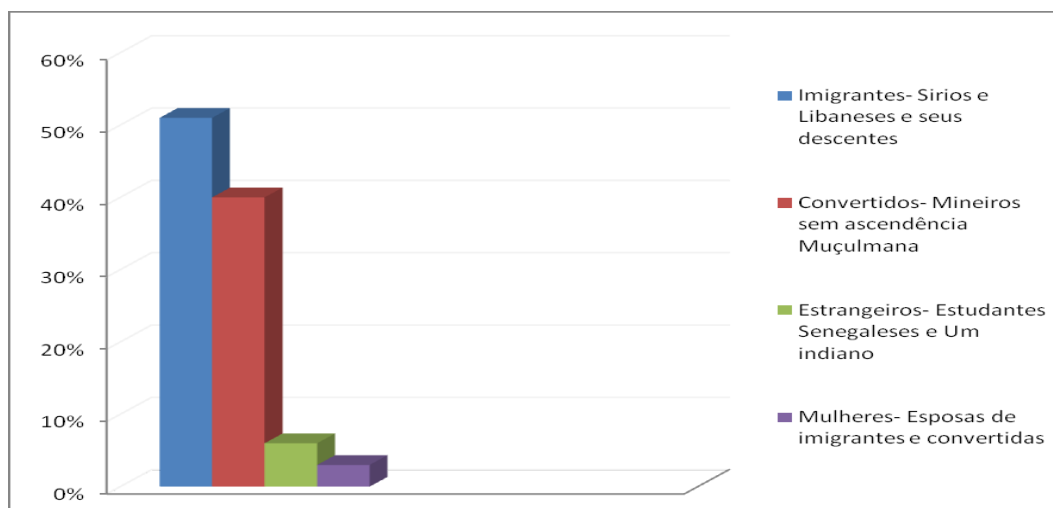
Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2006.

Já sobre a escolaridade dos entrevistados, percebi também que entre os convertidos a maioria tem nível alto de instrução, ou são estudantes secundaristas em fase final de curso, ou universitários em fases variadas de seus cursos. Assim, estes dados sobre a instrução revelaram que o grupo pesquisado é praticamente todo escolarizado.

Figura XIII: A escolaridade dos convertidos

Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2006

A composição de todo o grupo pode ser demonstrada da seguinte forma:

Figura XIV: Composição do grupo

Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2006.

Já o perfil sócio-econômico do grupo, numa demonstração preliminar, pode ser expresso no quadro abaixo:

Figura XV: Perfil sócio-econômico do grupo

SUBGRUPO	Perfil
Imigrantes e descendentes	Comerciantes/ Proprietários: • Lojas de tecido; • Panificadoras; • Lojas de móveis; • Aposentados
Convertidos	Estudantes: • Secundaristas de escolas públicas e universitários; • Jovens sem vínculo empregatício;
Estrangeiros	• Senegaleses estudantes bolsistas de programa de países conveniados, • Convertido fora do país; • Indiano que mora no Brasil.

Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2006

Atualmente, soma-se a este grupo, composto por parte de imigrantes e parte de convertidos, os estrangeiros muçulmanos que, por algum motivo, moram em Belo Horizonte. Exemplo disso, são os estudantes senegaleses que vieram estudar na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, através de um convênio entre o governo brasileiro e senegalês. Muçulmanos de origem, eles encontraram acolhimento nesse grupo e correspondem a cinco por cento dos freqüentes nas orações das sextas-feiras.

O grupo é composto basicamente por homens, o número de mulheres é muito pequeno. Parte dos imigrantes casou-se com mulheres cristãs; o número de mulheres convertidas é ínfimo.

O grupo conta com a orientação espiritual do *sheikh Mokktar*, marroquino de origem, que vive com a família há mais de dez anos no Brasil.

Assumir o islã como religião é também assumir uma identidade religiosa. Como nas demais religiões, o crente muçulmano assume características que o liga ao grupo como hábitos, comportamentos e mesmo na alimentação. Sobre “identidade religiosa”, Clifford Geertz⁶⁶, possibilitou-me um entendimento maior das características e mudanças das pessoas ao assumirem um grupo religioso, demonstrou este autor que os últimos tempos trouxeram a religião para a discussão no atual cenário mundial, exatamente por esta fornecer uma identidade grupal aos seus adeptos.

A questão da identidade não é mais apenas uma questão pessoal, mas, segundo Geertz também é pública. Para este autor, está acontecendo algo com a maneira de como as pessoas pensam sobre elas mesmas e sobre o grupo, como querem ser vistas e reconhecidas. Nesse

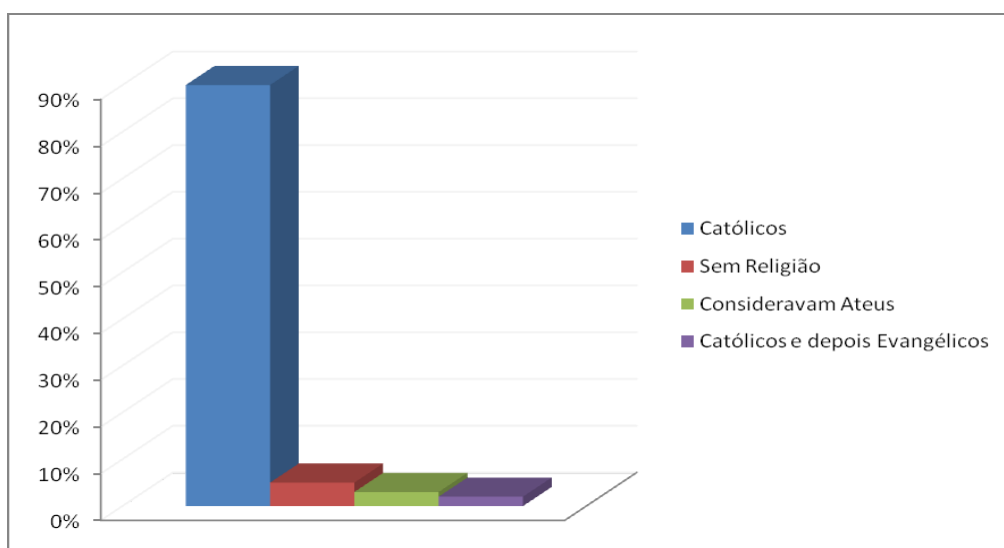
⁶⁶ GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

sentido, as comunidades de fé ajudam os indivíduos a se reconhecerem, a se encontrarem e até mesmo a se identificarem socialmente.

Assim, a partir da reflexão acima, observei como este grupo vem mantendo discreta relação frente à sociedade belorizontina, tanto que as pessoas ficam admiradas ao saberem que existe uma mesquita na cidade. Entretanto, foi difícil traçar um perfil deste grupo, uma vez que ele vem crescendo e sofrendo transformações desde sua configuração inicial, e agora principalmente devido ao fenômeno das novas conversões, que deixa vislumbrar mudanças no grupo.

Para entender de uma maneira mais ampla as motivações e a lógica implícita ao fenômeno das novas conversões ao islã, fenômeno que modificou a configuração do grupo, procurei descrever o “trânsito religioso” percorrido pelos convertidos até chegarem ao islã e constatai o seguinte percentual:

Figura XVI: A mobilidade religiosa dos convertidos



Fonte: Dados da pesquisa de campo, 2006.

A enquete acima revela certa coerência com estatísticas atuais sobre o campo religioso brasileiro, que demonstram ainda ser a religião católica a maior fornecedora de fiéis para outras religiões e que pessoas que eram católicas após se converterem a alguma igreja evangélica, voltaram-se para alguma religião oriental.

Para chegar a estes dados, parti do meu trabalho de campo que foi realizado nesta comunidade no primeiro semestre de 2006. Neste período, participei de todos os encontros do grupo, principalmente nas sextas-feiras, dia sagrado para os muçulmanos e momento da oração da tarde. Nestes encontros participei observando as orações, os ritos e a pregação realizada. Estes momentos foram de suma importância para compreender o grupo, pois aí pudemos observar o crente em sua crença, além da frequência dos membros e seu envolvimento com os assuntos da comunidade. Percebi a partir do interior do grupo as relações estabelecidas e o sentimento de pertença entre seus membros com relação à religião e mesmo em suas relações interpessoais.

A rotina das sextas-feiras era a seguinte: procurei ficar atentos às minúcias e fatos novos que pudessem me ajudar a perceber o grupo. Como foi o caso de observarmos uma discussão de um visitante do Egito que interpelava um brasileiro a respeito do jejum do mês do *Ramadã*, o brasileiro argumentava que pôr água na boca e cuspi-la, sem engolir, não quebrava o jejum; já o egípcio dizia que isto não podia acontecer, a discussão se prolongou uma vez que nada nos escritos e no livro sagrado esclarecia esta situação, que parecia uma discussão fútil para quem observava, mas de extrema importância para marcar a identidade da fé professada e quem chegaria mais perto do que é a verdade religiosa. O caso acima descrito é questão de jurisprudência e que dependia de cada escola teológica.

Os membros do grupo sempre chegavam para a oração das sextas-feiras por volta do meio dia e trinta, os estudantes vinham direto da escola e os trabalhadores que atuavam no comércio chegavam um pouco mais tarde. Num primeiro momento mais informal, se reuniam no *hall* de entrada da mesquita para cumprimentos e conversas e mesmo para receber os visitantes. Aproximando das treze horas, alguns se dirigiam para o piso inferior da mesquita onde se encontram as pias para a *Ablução*⁶⁷, depois retornavam ao piso principal e se dirigiam para a área reservada aos muçulmanos, cujo tapete com listas vermelhas que marca a direção para Meca onde se deve fazer as orações. Segue-se então as genuflexões individuais, leitura do Alcorão ou mesmo orações individuais.

Por volta das treze e vinte, o *Moezim*⁶⁸, que no caso da comunidade de Belo Horizonte é um indiano radicado no Brasil há mais de vinte anos, entoava o chamado para a oração. Depois o *Sheikh* entra e começa a pregação que primeiro é feita em árabe e depois resumida em português. Esta pregação é feita de um púlpito à frente do salão das orações. Interessante foi notar que na ausência do *sheikh*, esta pregação era feita pelo membro mais velho do grupo ou por aquele mais versado nos assuntos da religião. Em meu diário registrei vários temas abordados nestas pregações, como:

- Sobre a vitória do *Hamas* no parlamento palestino;
- Sobre as charges que denegriam a imagem do profeta divulgados por um jornal dinamarquês;

⁶⁷ Ato de lavar parte do corpo geralmente o rosto o braço e os pés para se purificar para a oração, pode-se também tomar banho de corpo todo, dependendo da consciência do crente. Depende dos atos que precederam aquele dia, pode ser maus pensamentos ou mesmo relações sexuais; este último necessita banho do corpo todo. Curioso é que na falta de água pode-se fazer a ablução com a areia.

⁶⁸ O *moezim* é para chamar o grupo para oração. Nos países muçulmanos ele entoava o canto no *Minarete*, espécie de torre, seu canto é ouvido nas redondezas. O canto diz: Não há Deus além de Deus e que *Mohammad* é o seu mensageiro.

- Sobre a desunião do povo muçulmano que devia dar exemplo ao mundo;
- Sobre os profetas desde Abraão até *Mohammad*;
- Sobre os pilares da fé islâmica.

Tive a oportunidade de participar de uma oração durante o mês do *Ramada* de 2005. Neste dia a pregação destacou a importância do muçulmano fazer a vontade Deus e foram dadas orientações para ser muçulmano no mundo.

Por fim, após a pregação chega o momento da oração da congregação, essa oração é importante, pois para o crente, rezar em congregação vale vinte sete vezes mais do que rezar sozinho, por isto os homens devem ir à mesquita às sextas-feiras. Ao final se dá um momento de despedida, é o momento de conversas agendadas para conhecer o grupo e a religião, foi neste momento que colhi várias entrevistas e depoimentos.

3.2 O grupo: Fraternidade e disputa

O grupo de convertidos ao falar de sua relação com os imigrantes, chamados de “árabes”, faz questão de deixar claro a existências de tensões dentro da comunidade. A questão que é colocada é sempre uma tentativa de dissociar o islã como religião, da cultura árabe. Está constatação apareceu também em trabalhos que analisaram outras comunidades muçulmanas no Brasil como o trabalho publicado recentemente na revista *Exange* da professora Vitória Peres de Oliveira e Cecília Mariz, no qual elas destacam a Conversão no Brasil Contemporâneo; a questão trazida pelos conversos demonstra a idéia de tentar dissociar o islã de uma cultura árabe. Também o artigo de Sílvia Mntenegro sobre a identidade muçulmana no Brasil enfatiza está polêmica na Sociedade Beneficente Muçulmana do Rio de Janeiro:

A Sociedade Muçulmana do Rio de Janeiro não se identifica com uma <<identidade árabe>>. Ao contrário, adere a um tipo de islamismo que se opõe a que essa tradição religiosa possa associar com uma identidade étnica. Nossa hipótese é que a principal divergência entre as comunidades do Brasil, em sua adaptação à realidade local, passa hoje pelo dilema de se definir como arabista ou não arabista, sendo que a maioria deles deve seu início institucional à iniciativa de segmentos que se identificavam como árabes muçulmanos. O não arabismo constitui, uma tomada de posição peculiar, que comunidades como a do Rio de Janeiro tem decidido assumir.⁶⁹

Neste sentido, o que se entende aqui por islã, enquanto identidade é a experiência religiosa com uma religião que se encontra em contexto de convivência com várias outras, numa realidade de pluralidade como a nossa; porém, uma religião entendida como universalista. A mesma autora acima nos dá indicações plausíveis de que a divergência maior nas comunidades muçulmanas gira sempre em torno de uma oposição ao chamado arabismo. Essa postura reforça nossa impressão de que o islã transita neste momento de uma religião étnica para uma religião universal:

Desta forma, vamos construindo uma análise na qual torna-se possível compreender que a desarabização – como chamaremos o processo empreendido neste grupo – está intrinsecamente relacionada com a islamização, termo que eles se referem para um programa específico plausível de ser desenvolvido no Islã do Brasil e na mesquita local. <<arabização>> e <<islamização>> aparecem como um par de oposições discursivas, e este grupo, não sem certas ambigüidades, parece tomar partido pela segunda destas opções.⁷⁰

O grupo mineiro de Belo Horizonte parece também adotar a mesma postura. A maior parte dos convertidos deixa clara sua opção, converte-se ao islã e não ao mundo árabe. Assim, islã e cultura árabe são coisas distintas para estes novos crentes que procuram acentuar esta

⁶⁹ MONTENEGRO, Sílvia. Identidades muçulmanas no Brasil: entre o arabismo e a islamização. **Lusotopie**. n. 2, 2002. p. 66-67.

⁷⁰ MONTENEGRO. *Op cit.* p. 68

polêmica, pois insistir numa arabização, como a autora acima quis chamar, seria impedir o desenvolvimento, o crescimento e o relacionamento do grupo.

Questionado sobre o número de participantes na comunidade, um informante me contou o seguinte:

Ah! Isso é uma coisa interessante, nem todo mundo que se diz muçulmano faz o que tem que fazer. Mas tem também o problema que muitos trabalham e estudam o que dificulta estar aqui numa sexta-feira nesse horário. Mas tem fogo de palha também gente que vem e depois não vem mais. Mas é deus quem julga as pessoas e sabe das dificuldades de cada um. (F. 45 anos, convertido)

Já outro informante culpou essa baixa frequência ao que ele chamou de os “árabes”. Para ele, eles não deixam o número crescer:

Tem divisão aqui, você não viu... (pausa) Nós sentamos aqui a esquerda e eles do lado de lá, eles não se misturam. Já falei até com o *sheikh*. Ninguém se propôs a ensinar árabe pra gente. Agora você veja só assim as pessoas vêm e vão embora, num voltam mais. (G. 68 anos, convertido)

Fica claro nos dizeres acima que os convertidos estão preocupados com a divulgação e com o crescimento do grupo. Coube a eles o papel de divulgadores, o que para o grupo original de imigrantes não aparece com muito entusiasmo. Um informante imigrante, já com mais de setenta anos, me disse:

Quem quiser pode vir na mesquita tá aí, tá aberta, aqui não tem nada fechado e nem secreto. Se precisar de alguma coisa a gente responde. A gente tira a dúvida. Mas o importante é ser bom, se a pessoa for um bom cristão um bom judeu tá bom. Desde que faça a vontade de Deus”.(I. 70 anos, há 40 reside no Brasil)

Observei também que muitos mineiros que se converteram, principalmente os mais jovens, depois de certo tempo deixaram de frequentar a mesquita. O número era maior quando

inicie o trabalho. Encontrei um destes jovens e perguntei a ele sobre o porquê de sua ausência, e ele respondeu:

Fiquei chateado com umas coisas aí. A gente pra ser muçulmano tem que ter muita força de vontade tem que ter fé mesmo. Eu moro muito longe também e é difícil, as vezes até a questão financeira para vir aqui, sabe. Mas continuo firme na fé, é difícil. Quer dizer, porque como eu te disse, ser muçulmano no Brasil requer empenho.(...) nós somos um povo, atualmente muito desunido, o povo não está com muita fé, não .(L. 23 anos)

Outro membro da comunidade ainda me disse:

Não! eu continuo muçulmano mas é que passei no vestibular e comecei a estudar arquitetura e o horário não bate, venho de vez enquanto sabe. Mas passo a tarde do sábado aqui lendo alguma coisa e fazendo as orações. (B. 17 anos, convertido)

Perguntei também ao *Sheikh* sobre o número dos participantes, e a resposta dele me chamou atenção por refletir a fala dos imigrantes:

Não precisa conversão, se o cristão for cristão mesmo não precisa conversão. A pessoa pode estar aqui pode estar em qualquer lugar o importante é fazer a vontade de Deus. Os irmãos muçulmanos às vezes também deixam a desejar, porque não são unidos como Deus quer que seja. Deus falou para Adão, para Abraão, para Moisés, para Jesus e depois para *Mohammad*, que a paz e a graça de Deus esteja com ele. A mensagem é mesma.

Esta fala do *Sheikh* demonstrou certa indiferença do mesmo com relação à divulgação da religião e o aumento do fieis, fato que deixava os novos convertidos em situação de desconforto, pois estes fazem questão de divulgar o islã e conquistar novos adeptos. Em uma entrevista com um convertido mais antigo o mesmo falou sobre esta posição do *Sheikh*:

A gente fica tentando ver se atrai mais pessoas pra cá, mas a gente não tem muito incentivo não, o *sheikh* concorda com os árabes ele acha que a mesquita tá aí aberta vem quem quer, mas acho que a questão é maior, temos que ajudar

nosso grupo crescer, divulgar nossa religião porque aqui somos poucos e poucas pessoas sabem da mesquita. (F. convertido, 45 anos)

Numa de minhas visitas fui convidado a me converter, os convertidos falaram que seria muito bom se isto acontecesse, pois para eles eu já sabia bastante sobre o islã e isso ajudaria muito.

Ilustra ainda mais a situação do grupo que estou tratando, aqui, um trecho de uma entrevista com um brasileiro muçulmano, de ascendência muçulmana. Para ele, existem muitas dificuldades antes de se falar na composição do grupo e como ele se comporta:

O grupo é pequeno, então a mesquita e o *sheikh* tem que trabalhar pra sustentar, ele não pode dedicar a vida exclusivamente à mesquita, então esse grupo eu tenho certeza que nas idéias ele é unido, mas assim, nós não convivemos diariamente como em outros locais que os muçulmanos moram que próximo da mesquita fazem. Então não pode dar aquela atenção que precisava. (M. 45 anos, de família síria)

Entendi, portanto, que o fenômeno das novas conversões ao islã, especificamente no Brasil, precisa ser melhor investigado no sentido de identificar se de fato o islã caminhará no sentido de ser uma religião mais universal e se aqueles que optaram por esta religião, estão de fato assumindo pela primeira vez uma identidade religiosa ou refizeram sua identidade a partir de algum ponto especial desta nova religião.

Nos momentos comuns, o grupo sempre se apresentou coeso, ligado e irmanado pela religião. Não havia aqui subdivisões aparentes ou mesmo queixas sobre as tensões internas do grupo, estas situações nos foram relatadas apenas nas entrevistas onde rivalidades se tornavam claras, principalmente entre os membros de origem e os convertidos.

O que ficou marcante nesta observação que fiz foi que a característica principal deste grupo religioso, no momento atual, é sua fase transitória. A passagem de um grupo étnico para um grupo misto vem gerando tensões no interior do mesmo, demonstrando uma dinâmica em seu processo de constituição que indica mudanças em seu núcleo. Estas mudanças deixam vislumbrar questões que só a longo prazo poderão ser respondidas, como por exemplo: uma vez que o grupo de imigrantes está envelhecendo é possível que no futuro o grupo todo tenha uma característica de convertidos, daí qual seria seu posicionamento na sociedade mais ampla? Uma vez distanciado de uma identidade sírio e libanesa de origem, como o grupo se estruturaria a partir de uma identidade religiosa de adesão?

Assim, meu objetivo neste capítulo foi desenhar o perfil deste grupo e apresentar suas características fundamentais: quem são? o que fazem? e como se relacionam? Estes dados etnográficos revelaram mecanismos realizados pelos próprios membros do grupo em seu esforço de criar uma identidade religiosa e reconhecimento social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O islã surge no cenário das cidades brasileiras como mais uma religião a oferecer uma nova identidade religiosa a crentes que estão em busca de uma vida mais regrada e com sentido, ou de uma vida religiosa mais exótica, ou para aqueles que de alguma forma se sentem discriminados ou excluídos e imaginam que o islã, por ser também marginalizado seria seu lugar adequado. É bom lembrar mais uma vez que os convertidos são em número muito reduzido e, de fato, não é possível dizer se o islã vai crescer ou não entre nós”. (Vitória Peres)

Pesquisar um grupo de religiosos no Brasil não é tarefa simples. Hoje nosso campo religioso é pintado de muitas cores e nesse campo desponta, agora, o islã, como mais uma opção. Assim, minha empreitada foi mostrar como o islã que antes se resumia a um grupo étnico, neste momento começa a dar sinais de ser uma religião, aqui entre nós, de caráter universalista.

Minha tarefa se tornou um pouco mais complexa, por se tratar de um grupo minoritário, de presença discreta e de pouco reconhecimento social. O islã no meio de nós ainda é visto como uma religião “de fora” e assim é facilmente alvo de estereótipos e preconceitos devido ao seu estranhamento em nosso meio. O que se conhece do islã aqui muitas vezes se resume ao que é divulgado pela mídia.

Porém, me propus a mostrar que o islã existe em nosso meio e que aos poucos vem compondo nosso campo religioso. A sua discreta presença em muitos estados brasileiros mostram a necessidade de estudos sobre esta presença em nosso cenário.

Minhas considerações finais dizem respeito ao que presenciei, analisei e pesquisei sobre a comunidade muçulmana de Belo Horizonte, oficialmente registrada com o nome de Sociedade Beneficente Muçulmana de Minas Gerais, e versa sobre a presença deste grupo nessa cidade, sua imagem social e religiosa e suas estratégias de manutenção num espaço religioso de

concorrência, uma vez que seu sistema de crença não faz parte do universo simbólico do campo religioso brasileiro marcado pela tradição cristã.

Vi que o islã em Belo Horizonte vem se constituindo a partir de sua discreta relação com sociedade local, principalmente a partir da chegada dos novos convertidos sem ascendência muçulmana, mineiros que por motivações variadas buscaram no islã uma identidade religiosa mais sólida e austera. A entrada destes novos adeptos marca uma nova etapa na história desta comunidade, uma vez que os mesmos trazem consigo objetivos diferentes dos membros mais antigos do grupo original de imigrantes. Para estes últimos a divulgação da religião não era considerado algo importante, já para os novos convertidos a divulgação é um passo importante para o crescimento do grupo. Entendi, a partir deste estudo, que, de uma forma ou de outra, os imigrantes também deram passos importantes para o crescimento do grupo fora de seu meio étnico, prova disso foi a construção da mesquita em 1989, pois sabiam que uma vez que seus descendentes não seguiriam propriamente sua religião, o grupo deveria se abrir para a comunidade maior, mesmo para preservar sua sobrevivência. Assim, entender a motivação de pessoas sem ascendência muçulmana que aderiram essa religião foi o eixo norteador deste trabalho, principalmente nos itens a que me referi à conversão juntamente com questões relativas à identidade religiosa.

Baseado no trabalho de campo colhi depoimentos de uma parte do grupo e tentei notar como estes vêm construindo essa identidade, uma vez que o subgrupo dos convertidos não quer se identificar com os árabes, mas ressaltam sua identidade como muçulmanos construindo, desta forma, um sentimento próprio de pertença fundamentado nas bases doutrinárias da religião.

A conversão como fenômeno sociológico foi analisado diante das construções dos discursos e da redefinição biográfica dos indivíduos a partir de sua nova escolha, sobretudo em suas relações sociais e sua mobilidade religiosa anterior.

As tensões e subdivisões no interior do grupo, relatadas aqui, não abalaram a forma e o comportamento dos indivíduos e sua adesão ao sistema de crenças, pois o fator de maior importância e o elemento aglutinador na busca por uma identidade religiosa.

Percebi, portanto, que os meios de divulgação da religião ficaram ao encargo dos convertidos que se dispõem à distribuição de folhetos, que contam suas histórias e experiências religiosas. Muitas vezes, o discurso do convertido repete o conteúdo do material impresso e não reflete propriamente as motivações individuais. Estas motivações são variantes importantes que pude captá-las a partir dos depoimentos concedidos por destes convertidos.

Interessados na divulgação do islã e no crescimento do grupo os convertidos sempre se empenharam em atrair novos adeptos. Recentemente um convertido me procurou, momento em que eu já estava finalizando este trabalho, para contar-me que o *sheikh Mokhtar*, a quem me referi várias vezes, havia retornado ao Marrocos e outro *Sheikh* também marroquino já tinha se estabelecido em Belo Horizonte. Para este informante o *sheikh* anterior não se preocupava com a divulgação e o crescimento do grupo e com certa alegria me disse:

Você sabe Edmar que agora temos novo *Sheikh*, graças a Deus! Estamos na esperança que ele ajude a atrair mais pessoas para o islã, pois o outro não se preocupava com isto, mas agora temos que pensar em mostrar nossa cara para sociedade, pois tem muita gente querendo conhecer o islã e nem sabe que nos estamos aqui. Ta todo mundo (os convertidos) cheio de esperança, mas tivemos pouco contato com o novo, pois ele está aprendendo a falar português primeiro, mas a impressão que tivemos dele foi muito boa. (S. 20 anos, Convertido)

Este fato ocorrido há pouquíssimo tempo demonstra que realmente o grupo de muçulmanos de Belo Horizonte passa por transformações e aos poucos vem se estruturando. A mudança do *Sheikh* para o informante acima foi uma esperança no sentido em que para ele a

religião deve ser divulgada e deve “mostrar sua cara” na sociedade no intuito de trazer mais adeptos. Embora não se fale em proselitismo oficialmente, esta postura faz parte do conceito de religião vivido pelos recém-convertido, devido a suas experiências religiosas anteriores.

O que apresentei trouxe mais inquietações e questionamentos que propriamente respostas. Por isto, ao invés de falar em conclusão, preferi apenas registrar meu convívio com o grupo e minhas experiências, além de balancear os dados colhidos em campo com a literatura que hoje se debruça sobre o estudo do islã no Brasil e no mundo.

A partir das entrevistas percebi que há uma busca por uma identidade por parte dos membros desse grupo. Acredito que a busca por uma identidade religiosa pode ser visto, como um símbolo não só de uma religiosidade, mas de reconhecimento social, e pessoal.

Os dados expostos aqui podem trazer paradoxos ou mesmo pequenas alterações, uma vez que não há registros oficiais sobre número de participantes e suas histórias. Obtive os resultados a partir do meu trabalho de campo. Os dados revelaram fragilidades em sua tabulação, as médias utilizadas ajudaram na construção do desenho do grupo em seus aspectos principais como: faixa etária, trânsito religioso e fatores socioeconômicos. Busquei chegar o mais próximo possível daquilo que revelaria o rosto desta discreta comunidade, até mesmo por se tratar de um grupo tão pequeno, uma pesquisa não podia se pautar apenas pelo quantitativo, Dessa forma, foi a pesquisa qualitativa que revelou “o como” ser muçulmano em Belo Horizonte e procurou enfatizar também a configuração de um grupo religioso marcado por diversidades em seu interior. Nessa perspectiva é que entendi que o islã em Belo Horizonte vem se estruturando e se configurando como mais uma opção religiosa.

Neste sentido, a guisa de conclusão ainda vale observar a este respeito uma reflexão de Sílvia Montenegro:

Porém, o islamismo é pouco visível no Brasil também porque o interesse acadêmico tem se concentrado em certas tradições religiosas numericamente destacadas. Na verdade, o que acontece com o islamismo é muito similar ao que se passa com o estudo do judaísmo no Brasil. (...) Não obstante, cabe assinalar que os estudos sobre <outras> tradições tais como o judaísmo e o islamismo, ainda que recentes, podem contribuir e muito para a compreensão da dinâmica identitária religiosa no Brasil e para o estudo da localização específica de religiões de impronta fortemente universal.⁷¹

Foi seguindo este objetivo de contribuir para a compreensão do islã no Brasil é que o estudo desta comunidade muçulmana e mineira se consolidou.

Por fim, faz-se necessário ainda salientar que islã se torna plural uma vez que se insere em contextos socioculturais bem diferentes de sua origem, isto pôde ser visto em Belo Horizonte, pois não há um islã mineiro ou belorizontino, há a presença da religião islâmica que de maneira tímida sobrevive e conquista adeptos, e mesmo sendo minoria, marca sua presença. E neste sentido é Pace que mais uma vez me ajudou nesta reflexão:

Pode-se dizer, além disso, seguindo esta mesma linha, que a religião de Mohammad conhece um outro tipo de pluralismo: a diferenciação da mensagem religiosa, consoante a diversas realidades socioculturais que o Islã vai conquistando no seu percurso expansivo desde a Península Arábica a várias, amplas, áreas do planeta.⁷²

Portanto, não tive a intenção de esgotar o tema a que me propus investigar, porém percorri caminhos que poderão ser revistos e redirecionados, pois o islã em Belo Horizonte é hoje um grupo em transformação, o que poderá, no futuro, trazer novos enfoques e constatações a respeito do ser muçulmano em Minas Gerais. Seria necessário um estudo maior para analisar cada ponto

⁷¹ MONTENEGRO, Sílvia. Identidades muçulmanas no Brasil: entre o arabismo e a islamização. **Lusotopie**. n. 2, 2002. p. 61.

⁷² PACE, Enzo. **Sociologia do Isa. Fenômenos religiosos e lógicas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2005. p.280.

que aqui levantei, mas pensei ter encontrado alguns caminhos que possam auxiliar na compreensão deste universo religioso.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Andréia Nascimento de. **Islamismo e Escravidão no Brasil** (Um estudo sobre a presença de escravos muçulmanos na Bahia nos séculos XVIII e XIX) Juiz de Fora: PPCIR/UFJF, 1997.

AL JABRI, Mohammed Abed. **Introdução à crítica da razão árabe**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

_____. **O que é religião**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. **O Suspiro dos oprimidos**. São Paulo: Paulus, 1997.

ANTONIAZZI, Pe. Alberto. As religiões no Brasil, segundo o censo 2000. **MAGIS, cadernos de fé e cultura**. Rio de Janeiro, Especial n. 1, agosto de 2002.

ARMSTRONG, K. **Em nome de Deus, o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

_____. **O Islã**. São Paulo: Objetiva, 2002.

_____. **Maomé, uma biografia do profeta**. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

_____. **Uma história de Deus, quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo.** São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BARTHOLO, R.;CAMPOS, A . O Islã no Brasil. In: LANDIM, Leilah (org.) **Sinais dos Tempos – diversidade religiosa no Brasil.** Rio de Janeiro: ISER, 1990.

BASTIAN, Jean-Pierre. ***La mutación religiosa de América Latina – para una*** sociologia del cambio social en la modernidad periférica. Fondo de Cultura Económica. México, 1997.

BAUSANI, Alessandro. **El islam en su cultura.** México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

BAYER, Peter. Global Migration and the selective reimagining of religions. **Horizontes Antropológicos.** Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social –Ano I, n.1.Porto Alegre:PPGAS, 1998.

BERGER, Peter. **O Dossel sagrado.** Elementos para uma teoria sociológica da religião
São Paulo: Paulos, 1985.

_____. **Rumor de Anjos. A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural.**
2ed. Petrópolis: Vozes1996.

_____. A Dessecularização do mundo: uma visão global. **Religião e Sociedade.** Rio de Janeiro: ISER, n. 01, 2001.

_____. ***The desecularization of the world: a global overview.*** Washington: Ethics and Policy Center, 1999.

- BERGER, Peter L; LUCKMAM, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**; trad. Edgar Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fronteira da fé – alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil hoje. **Estudos Avançados**. São Paulo: USP, n.52, 2004.
- _____. **Identidade e Etnia**: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- CAMPOS, Arminda Eugenia; BARTHOLO, Roberto. **Islã: O Credo e a Conduta**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres, Secularização e Reencantamento: a emergência dos novos movimentos religioso. **BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica**: ANPOCS, n. 56, 2003.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.
- CARVALHO, José Jorge de. Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea. In: BINGEMER, Maria Clara L. **Impacto da modernidade sobre a religião**. São Paulo: Loyola, 1992.
- CARRIER, Hervér. **The sociology of religious belonging**. New York: Herder and Herder, 1965.

CERIS – Centro de Estatística e Investigações Sociais. **Desafios do Catolicismo na cidade:** pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Paulus, 2002.

CIAMPA, Antônio C. Identidade. *In: Psicologia Social: O homem em movimento.* São Paulo: Brasiliense, 1977.

CUNHA, Fázia Oliveira Barros da. **O véu sobre a rua Halfeld:** um estudo sobre as mulheres muçulmanas na Mesquita de Juiz de Fora e o uso do véu. Juiz de Fora: PPCIR/UFJF, 2006.

DECOL, René. **Imigração internacional e mudança religiosa no Brasil.** Campinas: UNICAMP, 2001.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano.** São Paulo: Contexto, 2004.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico.** São Paulo: Atlas, 2000.

DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso.** São Paulo: Paulinas, 1999.

ELIADE, Mircea. **História das Crenças e das idéias religiosas.** Tomo III. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.

_____. **Tratado de história das religiões.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ESPOSITO, John L. **Islam the straight path.** New Yuork: Oxford Univerty Press, 1998.

Estado de Minas. caderno internacional. Papa quer a Europa de volta às raízes. Belo Horizonte: sexta-feira, 20 de outubro de 2006. Caderno Internacional. p, 19.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. (org) **Mudança de Religião no Brasil. Desvendando sentidos e motivações.** Rio de Janeiro: CERIS, CNBB E PALAVRA E PRECE, 2006.

FLETCHER, Richard. **A Cruz e o crescente. Cristianismo e islã, de Maomé à Reforma.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

GARAUDY, Roger. **Deus é necessário.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. **Rumo a uma guerra santa.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. **Promessas do islã.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. **Observando o islã.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.

_____. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GIDDES, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

_____. **As transformações da identidade.** São Paulo: UNESP, 1993.

GIUMBELLI, Emerson. Religião, Estado, Modernidade: notas a propósito de fatos provisórios. **Estudos Avançados.** São Paulo: USP, n. 52, 2004.

- _____. **Da religião como problema social: secularização, retorno do sagrado, liberdade religiosa, espaço e comportamento religioso.** Rio de Janeiro: PPGAS/Museu nacional, 1996.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar – como fazer pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Record, 2002.
- HAJJAR, Claude F. **Imigração Árabe: 100 anos de reflexão.** São Paulo: Ícone, 1985.
- HALL, Stuart. "Quem precisa de identidade?" *In*: SILVA, Tomaz T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- HAURANI, Albert Habib. **Uma História dos Povos Árabes;** trad. Marcos Santarrita. 2ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- HERVIEU-LÉGER, Daniele. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da religião? **Religião e Sociedade.** Rio de Janeiro: ISER, n.01, 1997.
- HERVIEU-LÉGER (éds). **Lês identités religieuses em Europe.** Paris: La Découverte, 1996.
- JACOB, César Romero; [et. Al.] . **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil.** São Paulo: Loyola, 2004.

- JARDIM, Denise. Diásporas, viagens e alteridades: As experiências dos palestino no extremo sul do Brasil. **Horizonte Antropológico**. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social , n.14.Porto Alegre:PPGAS, 2000.
- JOMIER, Jacques. **Islamismo: Historia e Doutrina**. Tradução de Luiz João Baraúma. Petrópolis: Vozes, 1992.
- JUNIOR, Arno Dal Ri ORO, Ari Pedro. (orgs.) **Islamismo e Humanismo latino: diálogos e desafios**.Petrópolis: Vozes, 2004.
- KALANDAR, Ihsan. **Os muçulmanos no Brasil**. São Bernado do Campo,SP:Alvorada, 2001.
- KEPEL, Gilles. *Al oeste de Alá. La penetración del Islam en Occidente*. Barcelona: Piados Ibérica, 1995.
- LEWIS, Bernard. **Oriente Médio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 1996.
- _____. **O que deu errado no Oriente Médio?**Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- _____. *Los árabes em la história*. Barcelona: Edhasa, 2004.
- LUCHESI, Marco. **Caminhos do Islã**. São Paulo: Record, 2002.
- LUCKMANN, Thomas. *The invisible religion. The problem of religion in modern society*. New York: Macmillan, 1967.

MAHAIRI, Ahmad Saleh. **Caminho para o Islamismo**. Curitiba: Grafipar, 1977.

MARQUES, Vera Lúcia Maia. **Conversão ao Islam: Olhar brasileiro, a construção de novas identidades e o retorno à tradição**. Dissertação de mestrado do Programa de pós-graduação em antropologia social da PUC-SP. Orientadora: Dra. Carmen Junqueira. 2000.

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna**. São Paulo: Paulinas, 1995.

MERADI, Ali. **El Islam Contemporáneo**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1984.

MARIZ, Cecília L. Secularização e dessecularização: comentários a um texto de Peter Berger. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: ISER, n. 01, 2001.

MERNISSI, Fátima. **El Harém Político – el profeta y las mujeres**. Ed. Del Oriente y del Mediterráneo, 1987.

_____. **Sonhos de transgressão**. São Paulo: Cia da Letras, 1999.

MESSARI, Nizar. Islã e ocidente. **Tempo e Presença**. Rio de Janeiro, ano 24, julho/Agosto de 2002.

MOADEL, Mansoor and TALATTOF. **Contemporary debates in Islam – an anthology of modernist and fundamentalist thought**. London: Macmillan, 2000.

MONTENEGRO, Silvia Maria. Identidades muçulmanas no Brasil: entre o arabismo e a islamização. **Lusotopie**. n. 2, 2002. p. 59-79.

_____, Discursos e contradiscursos: o olhar da mídia sobre o islã no Brasil. **Mana**. n. 8, 2002. p. 63-91.

_____. As políticas de interpretação do islã. *In: Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: ISER, vol. 19, n. 1 (resenha)

NABHAN, Neuza Neif. **Islamismo: de Maomé a nossos dias**. São Paulo: Ática, 1996.

NASR, Seyyed Hossein. “O Islã e o Encontro das Religiões”. *In: Islã - o credo é a conduta*. Bartholo, Roberto e Campos, Arminda (orgs). Rio de Janeiro:ISER/Imago, 1990.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Refazendo antigas e urdindo novas tramas: trajetórias do Sagrado. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: ISER, n. 18, 1997.

NIELSEN, Jorgen S. **Muslims in Western Europe**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1992.

ORO, Ari Pedro. Modernas formas de crer. **Revista Eclesiástica Brasileira**, 1997.

_____; STEIL, Carlos Alberto. **Globalização e Religião**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

OSMANN, Samira Adel. A imigração árabe para o Brasil. **Travessia. Revista do**

Imigrante, n. 35. São Paulo: 1999.

PACE, Enzo. **O islam e o ocidente**. Roma: Edizioni Lavoro, 1995.

_____. PACE, Enzo. **Sociologia do Islã**. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. Religião e Globalização. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto.

Globalização e Religião. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PERES, Vitória; MARIZ, Cecília. **‘Brasileiros’ e ‘árabes’: conversão ao Islã no Brasil**. Em fase de publicação.

_____. **Muçulmanos no Brasil Contemporâneo. um estudo preliminar** . Trabalho apresentado na IX Jornadas Alternativas Religiosas na América Latina. Buenos Aires, 2000.

_____. Conversion to islam in contemporany Brasil. **EXCHANGE**, v. 35, n. 1, 2006. p. 102 -115.

_____. **Conversão ao Islã no Brasil Contemporâneo**. Trabalho apresentado no Congresso a RAM (Reunião de Antropologia do Mercosul).

_____. Maomé, o profeta do Isla. **In:** BINGEMER, Maria Clara e YUNES, Eliana (Orgs.). **Profetas e Profecias**. São Paulo: Loyola e Puc Rio, 2002.

_____. **Muçulmanos no Brasil contemporâneo um Estudo preliminar**. Trabalho apresentado na IX Jornadas alternativas Religiosas na América Latina, Boenos Aires, 2000.

PERES, Vitória. Islã: submissão a Deus. **Tempo e Presença**, Rio de Janeiro, Ano 24, julho/agostode 2002.

_____. O islã no Brasil ou o islã do Brasil. **Religião & Sociedade**. Vol.26. n. 1. Ano 2006. Rio , 2006.

_____. *Islam and global war on terrorism in Latim America*. Washington: 2006. Entrevista concedida ao Pew Forum On Religion & Public Life.

PEREIRA, Lenora. **A discreta presença dos muçulmanos em Porto alegre: Uma Análise antropológica das articulações de significados e da inserção do islamismo no pluralismo religioso local**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Antropologia social da UFRS, Orientador Prof. Ari Pedro Oro, abril de 2001.

PIERUCCI, Antônio Flávio. “Bye bye, Brasil” O declínio das religiões tradicionais no censo 2000. **Estudos Avançados**. São Paulo: USP, n.52, 2004.

_____. Ciências Sociais: A religião como ruptura. *In: As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Faustino Teixeira, Renata Menezes (orgs). Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

_____. **O desencantamento do mundo – todos os passos do conceito de Max Weber**. São Paulo: USP, 2003.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *The limits of the public: sufism and the religious debate in Syria*. *In: SALVATORE, A. & EICKELMAN D. Public Islam and the Common Good*. Boston: BRILL, 2004. 181-204.

_____. Sufismo, performance moral e poder na Síria contemporânea. **Revista de Estudos Áraes e das culturas do Oriente Médio**, n. 2, São Paulo: USP, 2005. p.52-73.

- _____, Bodily Mediations: *Self, Values and Experience in Syrian Sufism*. In: HEISS, J. (Hg.). ***Veränderung und Stabilität. Normen und Werte in islamischen Gesellschaften***. Wien: Verlag der österreichischen akademie der wissenschaften. 2005. p.201-221.
- _____, Ritual, etnicidade e identidade religiosa nas comunidades muçulmanas do Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, setembro/novembro 2005.p. 228-250.
- _____, Ritual, experiência mística e lei islâmica nas comunidades sufis de Aleppo, Síria. **Anuário Antropológico/2004**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005. p. 51-94.
- POLLACK, Michael. “Memória e identidade social” In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: APDOC, 1992.
- PRAZERES, Luciano Padilha. **A comunidade Muçulmana de Juiz de Fora**. Monografia de Conclusão de Curso. Departamento de Ciências Sociais da UFJF, 2007.
- RAMADAN, tariq. ***El reformismo musulman – desde sus orígenes hasta los hermanos musulmanes***. Barcelona: Bella Terra, 2000.
- RAMOS, Vladimir Lúcio. Conversão ao Islã – Uma análise sociológica da **assimilação o ethos religioso na sociedade muçulmana sunita de São Bernado do Campo e região do grande ABC**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião. Orientador: Dr. Dario Paulo B. Rivera, 2002.
- Revista Alvorada** n. 49, 1999.
- SAID, Edward. ***Covering islam: How the media and the experts determine how we see rest of the word***. New York: Pantheon books, 1981.

_____. **Orientalismo – O oriente como invenção do ocidente.** São Paulo: cia das Letras, 1990.

SANCHIS, Pierre. (org.) **Fiéis e cidadãos – Percursos do sincretismo no Brasil.** Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

_____. A religião dos brasileiros. **Teoria & Sociedade.** Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2 Sem, 1999.

SCHUON, Frithjof. **Compreender o Islã.** Lisboa: Dom Quixote, 1989.

SCUTON, Roger. ***The west and rest globalization and terrorist threat.*** Wilmington: ISI – Books, 2002.

SENA, Edmar Avelar de. **Aspectos etnográficos da comunidade muçulmana de Minas Gerais: do grupo original de imigrantes ao fenômeno das novas conversões; identidade e inserção no contexto religioso de Belo Horizonte.** Trabalho apresentado no simpósio Islã na América Latina por ocasião do XI Congresso da Associação Latinoamericana para o Estudo das Religiões – ALER. São Bernado do Compo: ALER, 2006.

TAVARES, Fátima Regina Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres (orgs.) **Minas das devoções – diversidade religiosa em Juiz de Fora.** Juiz de Fora: UFJF/PPCIR, 2003.

TEIXEIRA, Faustino; BERKENBROCK, Volney (orgs.) **Sede de Deus. Orações do Cristianismo, Judaísmo e Islã.** Petrópolis: Vozes, 2002.

TEIXERA, Faustino. **Teologia das religiões: uma visão panorâmica**. São Paulo: Paulinas, 1995.

_____. **O Diálogo inter-religioso como afirmação da vida**. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. **Diálogo de Pássaros: Nos caminhos do diálogo inter-religioso**. São Paulo: Paulinas, 1993.

TIESLER, Nina Clara. Muçulmanos na margem: a nova presença islâmica em Portugal. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 34, 2000. p. 117-144.

VALLE, Edenio. Conversão: da noção teórica ao instrumento de pesquisa. **REVER – Revista de Estudos da Religião**, n. 2, São Paulo: PUC 2002. p. 1-14.

VELHO, Otávio. Religião e modernidade: Roteiro para uma discussão. **Anuário Antropológico/92**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

VERNET, Juan. **As origens do islã**. São Paulo: Globo, 2004.

WAINES, David. **El Islam**. Madrd: Cambrige University Press, 2002.

WANIEZ, P; BRUSTLEIN, V. Os muçulmanos no Brasil: elementos para uma geografia social. **ALCEU**, Rio de Janeiro, n. 2, jan/jun 2001.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: UNB, 1991.

WOHLRAB-SAHR, Monika. Simbolizando a distância: conversão ao islã na Alemanha e nos Estados Unidos. **REVER – Revista de Estudos da Religião**. São Paulo: PUC, n. 02, 2002.

LIVROS/WEBSITES DE DIVULGAÇÃO

ADAMGY, M. Yossef M. **A Mulher no Islão**. Portugal: Al Furqân, 2000.

_____, **Jesus, um profeta do islão**. Lisboa: Editorial Al Furqan, 1995.

AL ALCHEIK, Hassan. **O Lugar da Mulher no Islam**. São Paulo: WAMY, s.d.

AMINUDDIN, Mohamad. **Mohammad – O mensageiro de Deus**. São Paulo: CDIAL, 1989.

AL KARADHAWI, YOUSSEF. **O lícito e o ilícito no Islam**. São Paulo: Centro de Divulgação do Islam para a América Latina, s.d.

MISLEH, Abdallah Al. **Os milagres científicos no Alcorão e na doutrina do profeta Mohammad**. São Bernado do Campo: Wamy, S/D.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

www.islam.org.br/Ohijab. Acesso em 07 jun.2006.

www.geocities.com/islamicchat/hijabcanada.html. Acesso em 23 ago. 2006.

www.isla.pt . Acesso em 23 ago. 2006.

www.isla.com.br .Acesso em 07 de set. 2006.

www.wamy.com.br. Acesso em 08 de set. 2006.

http://www.pucsp.br/rever/rv2/t_valle.htm. Acesso em 19 de out. 2006

ANEXOS

Termos em língua árabe transliterados para a língua portuguesa

Ablução – Lavagem parcial do corpo antes das orações

Dar Islam – A casa do Islã

Eid-al-adha – Festa religiosa que lembra o sacrifício de Abraão e de seu filho Ismael

Eid-al-Fitr – Fim do jejum do mês de Ramadã

Hadith – Ditos ou sentenças do profeta

Hajj – Peregrinação

Hijra- Imigração

Ímam – O mais apto para dirigir o culto

Khilāfah- Delegação ou sucessão

Mawlā – Mestre espeiritual

Muezim – Crente que faz o chamado para as orações

Quibla – Voltar-se à Caaba de qualquer ponto onde estiver

Ramadã– Mês sagrado no qual se celebra a revelação de Deus ao profeta

Salāt al-jum’ah – Oração da sexta-feira

Salat- Orações durante o dia

Sharia- Lei islâmica que tem sua base no Alcorão, nos Hadits e na Suna

Sheikh – Líder de uma mesquita com conhecimento em teologia islamica

Shí ‘ah – xiitas

Sunnah – sunitas

Sura – capítulo do Alcorão

Ummah – Comunidade

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO:

NOME:

NASCIMENTO:

PAÍS:

RELIGIÃO ANTERIOR:

CONVERSÃO AO ISLÃ:

OCUPAÇÃO:

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS CONVERTIDOS

1. QUAL A RELIGIÃO DA FAMÍLIA?
2. COMO ERA A SUA VIDA RELIGIOSA ANTES DE CONHECER O ISLÃ?
3. COMO VOCÊ SE SENTE DENTRO DA NOVA RELIGIÃO? ENCONTROU O QUE BUSCAVA?
4. A RELIGIÃO PERMITIU MUDANÇAS EM SUA VIDA FAMILIAR?
5. QUAIS OS BENEFÍCIOS QUE VOCÊ CONSEGUIU NA SUA VIDA AO ACEITAR O ISLÃ?
6. QUANTAS VEZES POR SEMANA VOCÊ FREQUENTA A MESQUITA?
7. QUANDO SE CONVERTEU?
8. QUEM TI INFLUENCIOU NA ESCOLHA DO ISLÃ?

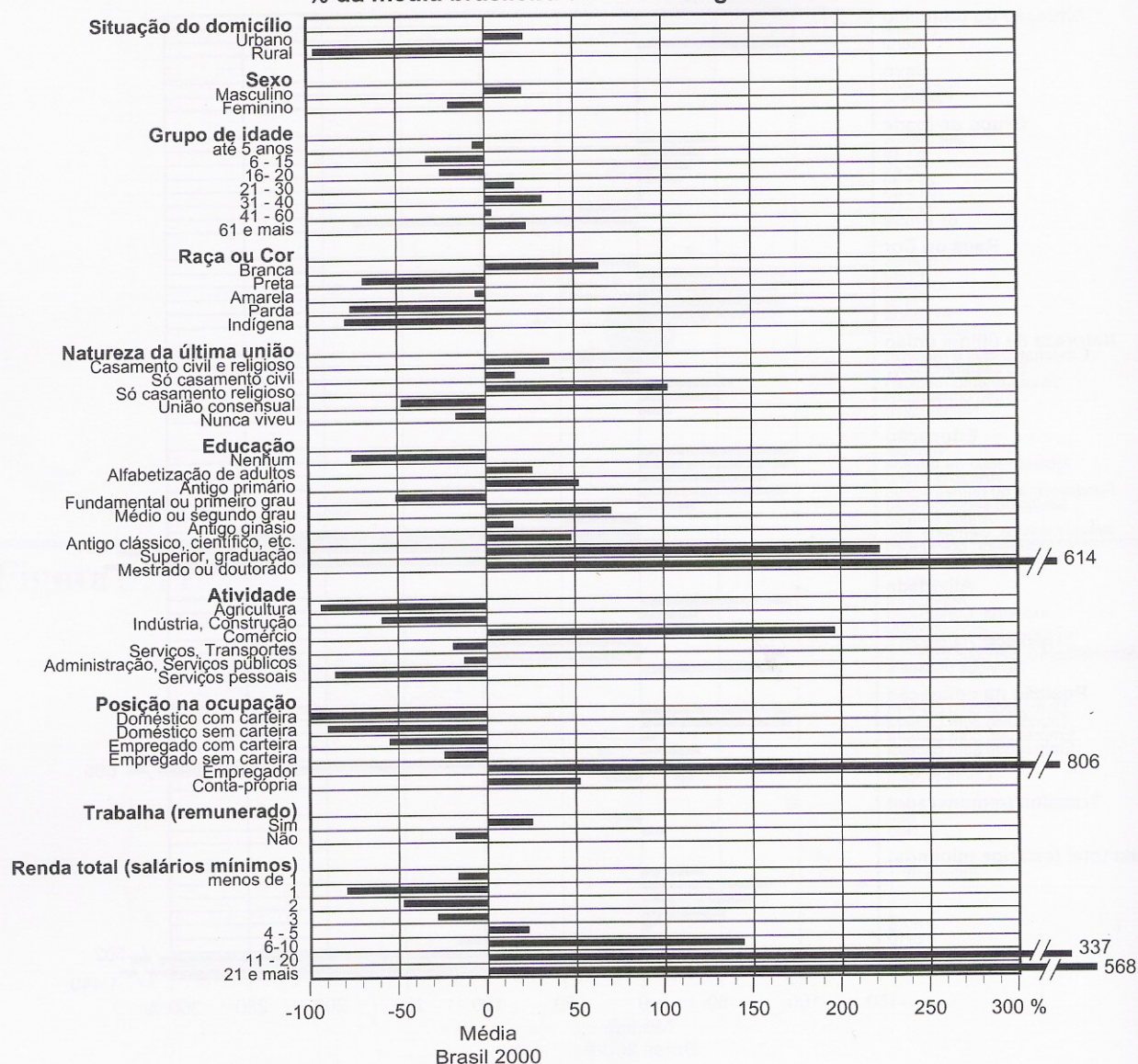
9. COMO FOI A REAÇÃO DA FAMÍLIA E DOS AMIGOS?
10. QUE MUDANÇAS OCORRERAM EM SUA VIDA SOCIAL?
11. COMO VOCÊ ACHA QUE AS PESSOAS FORA DA COMUNIDADE ISLÂMICA ENCARAM O ISLÃ? VOCÊ JÁ SE SENTIU DISCRIMINADO? IMPORTA-SE COM COMENTÁRIOS EXTERIORES?
12. QUAL A SUA ESCOLARIDADE?
13. EM QUE TRABALHA?
14. MORA ONDE EM BH?
15. COMO VOCÊ VÊ A RELAÇÃO DOS CONVERTIDOS E DOS IMIGRANTES?
16. ESSA RELAÇÃO AFETA SUA FORMA DE VER O ISLÃ?

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM O *SHAYKH* E OS IMIGRANTES

1. QUAL SEU PAIS DE ORIGEM?
2. QUANDO VOCÊ VEIO PARA O BRASIL E PARA BELO HORIZONTE?
3. VOCÊ VEIO COM SUA FAMÍLIA? COM QUE IDADE VEIO?
4. QUAL O MOTIVO DA VINDA?
5. VOCÊ MANTEM CONTATO COM SUA TERRA NATAL?
6. QUAL SUA PROFISSÃO HOJE?
7. QUAL O SEU PAPEL DENTRO DA COMUNIDADE MUÇULMANA?
8. A COMUNIDADE DAQUI É PARTICIPANTE? QUAL A SUA IMPRESSÃO SOBRE ELA?
9. VOCÊ VÊ DIFERENÇA ENTRE CONVERSOS BRASILEIROS E ÁRABES?
10. COMO É CUMPRIR COM OS PRECEITOS DA RELIGIÃO AQUI NO BRASIL? ACREDITA QUE O ISLÃ AQUI É ADAPTADO AOS COSTUMES DO BRASIL?
11. QUANTO TEMPO PRETENDE FICAR NO BRASIL?

MUÇULMANOS

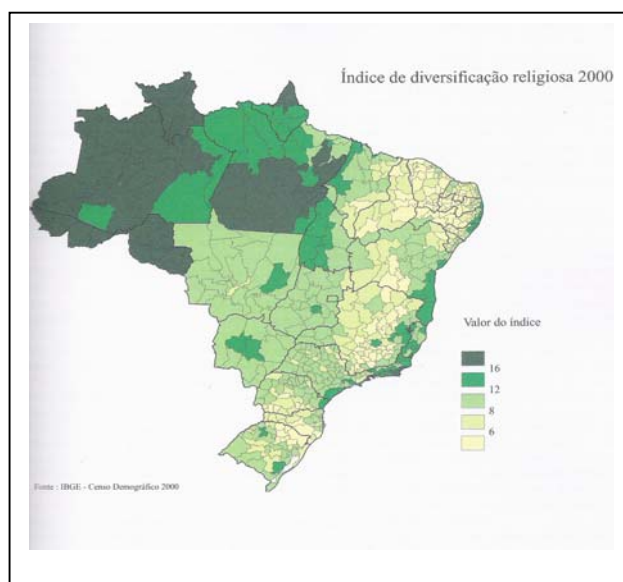
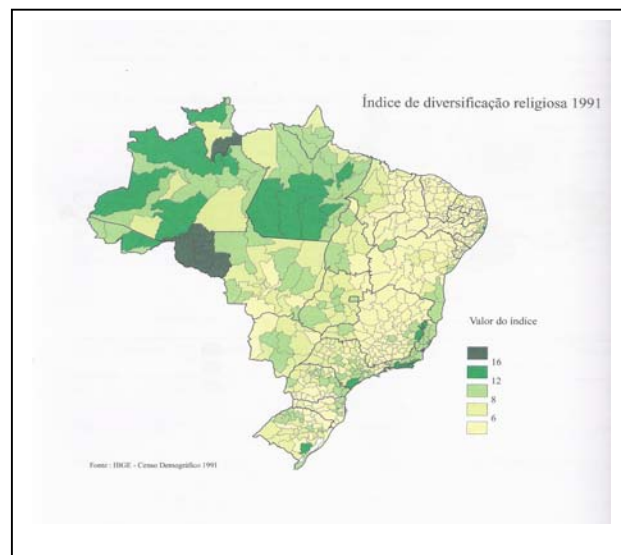
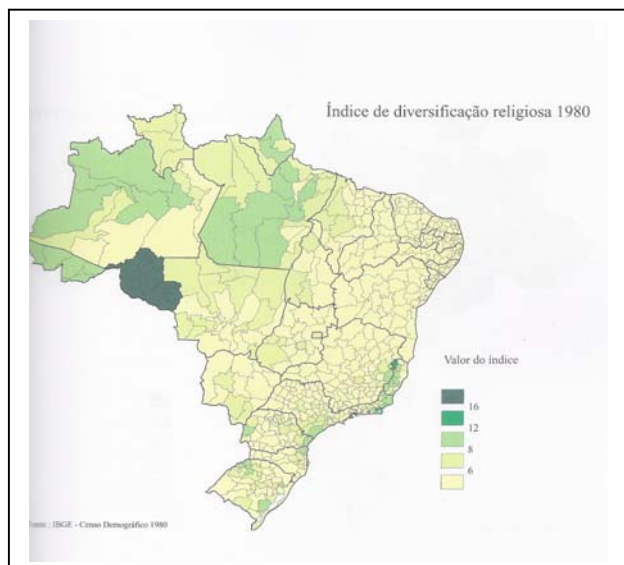
Desvio em relação ao perfil socioeconômico brasileiro
% da média brasileira de cada categoria



Fonte : IBGE - Censo Demográfico 2000

Muçulmanos no Brasil segundo o censo 2000.

Fonte: JACOB, César Romero...[et al.] **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003. p. 112.

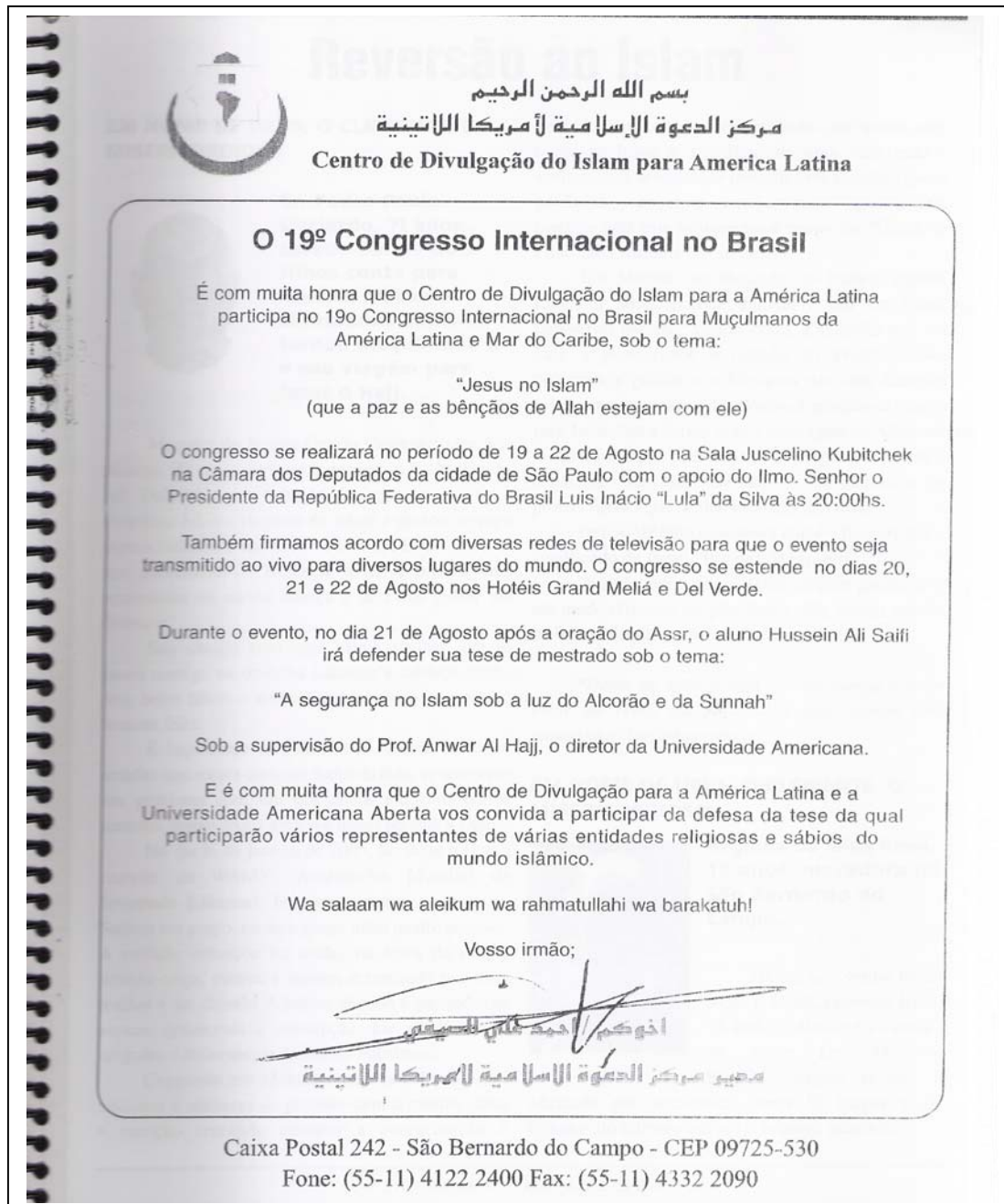


Diversificação Religiosa no Brasil nas três últimas décadas – Dados do IBGE

Fonte: JACOB, César Romero...[et al.] **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003. p. 35-37.

Convite do CDIAL para o XIX Congresso Internacional no Brasil para os muçulmanos da América Latina e do Caribe. O Tema deste Congresso foi “**Jesus no Islam**”.

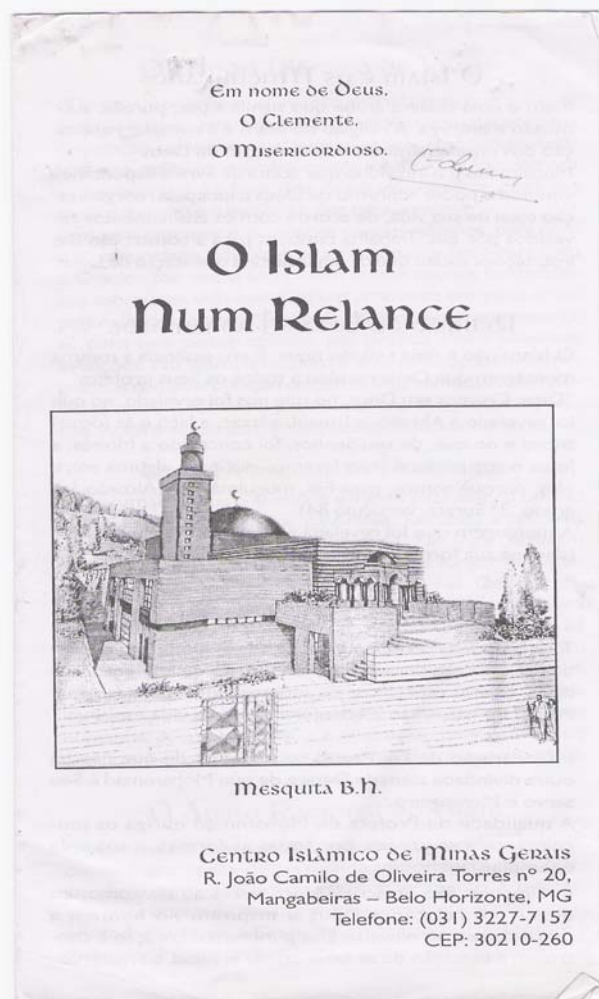
Fonte: Rvista Alvorada



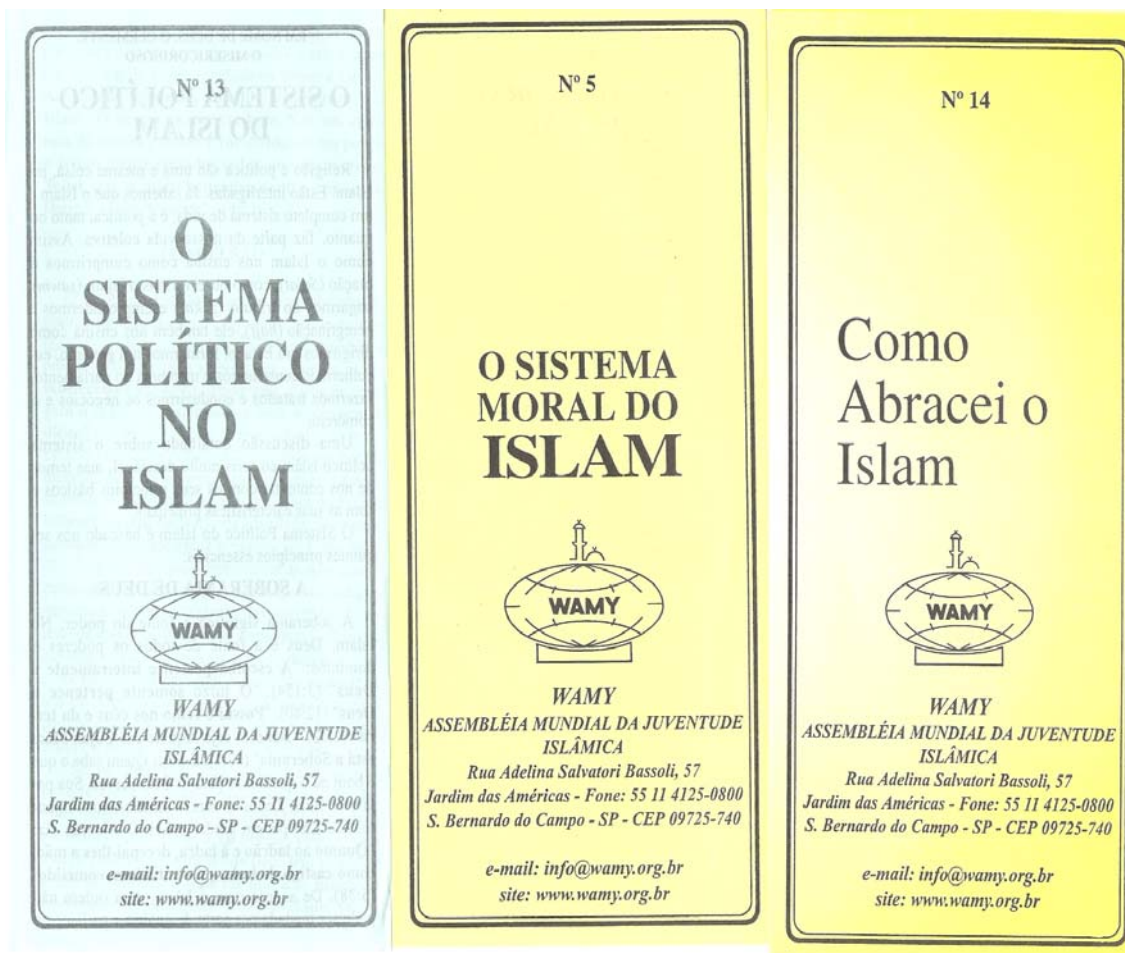


Mensagem da Sadia aos muçulmanos por ocasião da festa do *Eid El Fitr*, o feriado de jejum muçulmano. A Sadia produz o alimento *Halal* desde 1975 no Brasil e exporta para países árabes. É um frango degolado segundo as especificações da lei islâmica. Este produto é inspecionado constantemente por *sheikhs* visitantes do Reino da Arábia Saudita que confirma o cumprimento da lei islâmica segundo a qual qualquer animal morto para o consumo não se deve fazê-lo antes dizer “em nome de Deus”

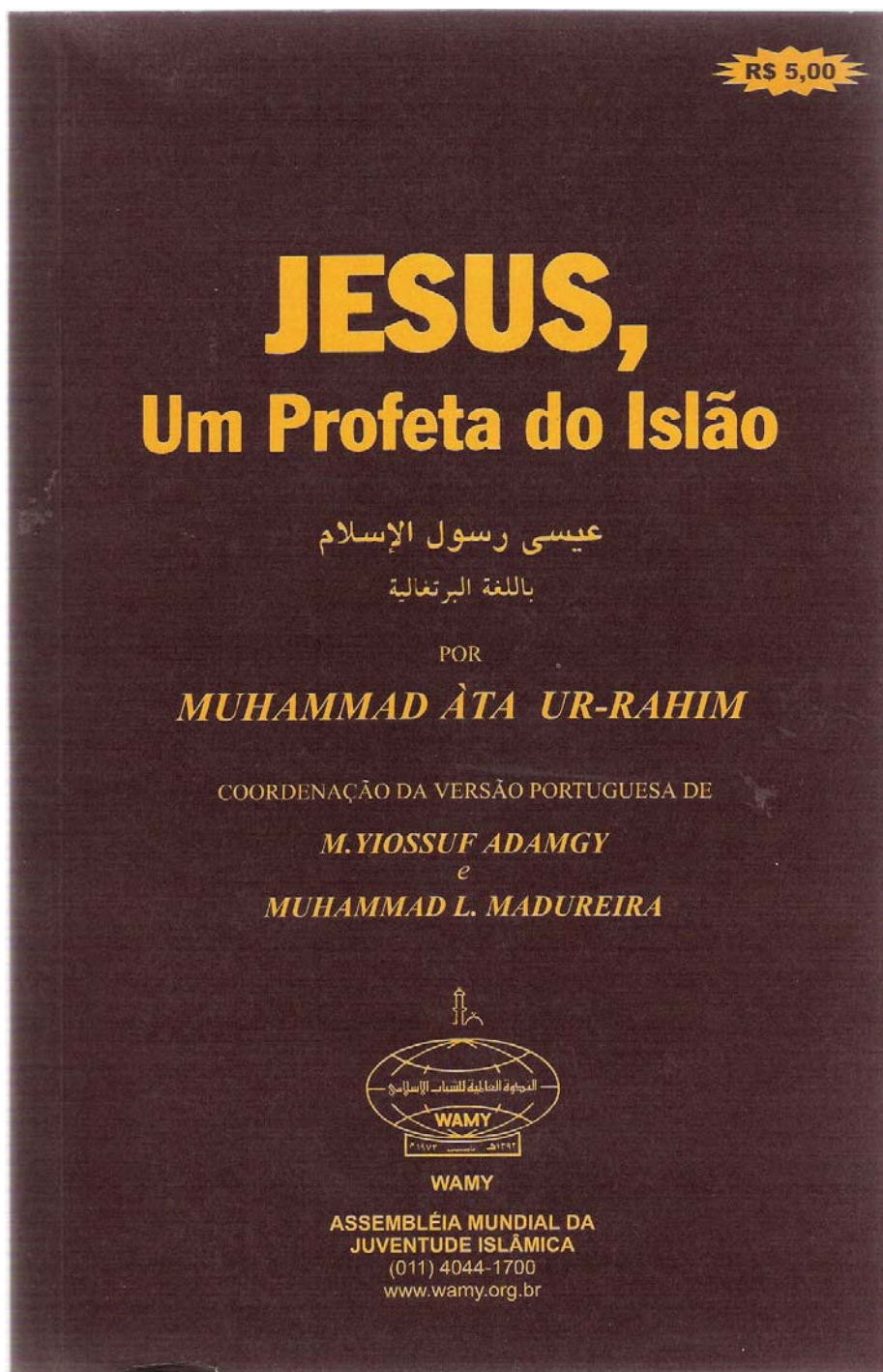
Fonte: **Revista Alvorada**



Folheto de divulgação distribuído na mesquita de Belo Horizonte – MG
Na ilustração a mesquita de BH.



Folhetos distribuídos pela WAMY



Já esta publicação da WAMY se dedicou exclusivamente a Jesus reconhecido como um dos profetas.



Livro distribuído pela WAMY. Neste exemplar exemplos de descobertas científicas são relacionadas a trechos do Alcorão.

